O QUE É O NADA?

REFLEXÕES HEIDEGGERIANAS A RESPEITO DO SER E DO NÃO SER

ZIONEL SANTANA

O QUE É O NADA?

REFLEXÕES HEIDEGGERIANAS A RESPEITO DO SER E DO NÃO SER

"Lorsque quelqu'un demande à quoi sert la philosophie, la réponse doit être agressive, puisque la question se veut ironique et mordante. La philosophie ne sert pas à l'État ni à l'église, qui ont d'autres soucis. Elle ne sert aucune puissance établie. La philosophie sert à attrister. Une philosophie qui n'attriste personne et ne contrarie personne n'est pas une philosophie. Elle sert à nuire à la bêtise, elle fait de la bêtise quelque chose de honteux. Elle n'a pas d'autre usage que celui-ci: dénoncer la bassesse de pensée sous toutes ses formes."[1]

---

[1] "Quando alguém pergunta à que serve a filosofia, a resposta deve ser agressiva, visto que a pergunta pretende-se irônica e mordaz. A filosofia não serve nem ao Estado, nem à Igreja, que têm outras preocupações. Não serve a nenhum poder estabelecido. A filosofia serve para entristecer. Uma filosofia que não entristece a alguém e não contraria ninguém, não é uma filosofia. A filosofia serve para prejudicar a tolice, faz da tolice algo de vergonhoso. Não tem outra serventia a não ser a seguinte: denunciar a baixeza do pensamento sob todas as suas formas." DELEUZE, Gilles. *Nietzsche et la Philosophie*. Paris: Presses Universitaires de France, 1967, p. 121.

À minha esposa, Terezinha, aos meus filhos, Lucas e Matheus e a todos aqueles que contribuíram de alguma modo para a realização deste livro.

Agradecimentos

Devo expressar os meus agradecimentos à professora doutora Terezinha Richartz pelas leituras e contribuições neste texto e as adequações metodológicas, às quais tornaram possível a conclusão deste trabalho. Também ao professor doutor Paulo César de Oliveira, pela elaboração do prefácio desta obra. E a Universidade do Vale do Rio Verde (UNINCOR) pela ajuda financeira que me foi concedida.

Prefácio

> A angústia é a disposição fundamental que nos coloca perante o nada. Martin Heidegger

A proposta deste livro é ousada: discutir a questão do ser e do nada. O referencial é um dos gigantes da filosofia: Martin Heidegger. O que me chama atenção nesse filósofo é a fidelidade à discussão de um "único problema": o sentido do ser. Perguntar pelo ser é, também, perguntar pelo nada. É a partir dessa questão que, segundo ele, nasceu tanto à metafísica ocidental quanto o seu ofuscamento. O ser, diz Heidegger, foi esquecido; não é mais percebido como um problema.

Para abordar o ser, ele escolher a fenomenologia como método. A partir daí, entendeu que era preciso analisar quem é que se propõe a perguntar sobre o sentido do ser. Quem pergunta sobre o ser é o homem.

O homem, ente que pergunta pelo sentido do ser, é *Dasein* (ser-aí). Isto indica que está sempre em uma situação, lançado nela, em relação com ela. Portanto, o homem não somente é um ente

que pergunta pelo ser e pelo nada, mas também não se reduz à moção de ser da filosofia ocidental que o identifica com a presença ou com a objetividade. O homem não é um simples objeto no mundo ao lado dos demais; o *dasein* é aquele ente para o qual as coisas estão presentes. Esse modo de ser é a existência, que se traduz em possibilidade. A essência da existência é a possibilidade; é projetar. Nesse sentido, a existência é superação, transcendência. O homem é projeto e as coisas são utensílios a serviço do projetar humano.

Quando o interrogador do ser projeta, está manipulando as coisas e criando possibilidades. Seus projetos podem limitá-lo ao nível dos fatos; isto é a utilização das coisas se transforma fim em si mesma, tornando a existência anônima. Essa é marcada pelo palavrório e pelo equívoco. É a queda do homem no plano das coisas do mundo. Na faticidade, sacrificamos o nosso "eu"; abstemo-nos do que há de mais essencial em nós: o poder ser. Existimos, assim, de forma inautêntica. No entanto, há outra possibilidade de existência: a autêntica. E com ela, surge a questão: como se dá o trânsito entre uma e outra.

Sem recorrer ao conceito de angústia não é possível responder a essa questão. É aqui que aparece a discussão central deste livro. É na angústia que o nada se manifesta. Esta manifestação do nada, no entanto, não ocorre, segundo Heidegger,

nem como ente, nem tampo pouco como objeto. A angústia é uma estranheza em relação ao mundo; ela desvela-se no vazio. É na angústia que o homem singulariza-se e faz escolhas. É na angústia que emerge o "poder ser". O homem pode com isso recuar para a inautenticidade ou superá-la e, de fato, fazer suas escolhas.

O presente livro evidencia, finalmente, a relação estabelecida por Heidegger entre o estar suspenso dentro do nada e a possibilidade da liberdade. É o fato de se manter, previamente, suspenso dentro do nada que permite ao *ser-aí* humano a possibilidade de transcender. Neste transcender o *ser-aí* humano pode estabelecer uma relação com o ente, bem como, consigo mesmo, na medida em que ele é, também, um ente. Portanto, a liberdade é pensada como uma possibilidade dada ao *dasein* (ser-aí) que se encontra suspenso dentro do nada, uma vez que ele pode superar, transcender. O nada é, também, possibilidade...

Prof. Dr. Paulo César de Oliveira.

Sumário

Introdução

> "Saber investigar significa saber esperar, mesmo que seja durante toda uma vida. Numa época, porém, em que só é real o que vai depressa e se pode pegar com ambas as mãos, [...]."[2]

Por que há simplesmente o ente e não antes o nada? Para Heidegger investigar sobre esta questão é remontar à tese originária da filosofia. Heidegger nos conduz a três caminhos dentro de seus argumentos. Ele explica assim: o caminho para o ser, o caminho para o nada e o caminho para aparência. O caminho para o ser é sempre acessível, e o caminho para o nada é inacessível, mas existente. E o caminho para a aparência é sempre acessível e frequentado, mas, deve ser evitado. Heidegger afirma que um homem verdadeiramente sábio não é aquele que busca cegamente uma verdade. Mas sim, àquele que conhece constantemente todos os caminhos para se

---

[2] HEIDEGGER, M. **Introdução à metafísica**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1969a. p. 227.

chegar à verdade. O caminho do ser, o caminho do não ser e o caminho da aparência. Pois, o terceiro caminho, o da aparência, não só faz aparecer o ser como tal, mas é propriamente o próprio ser, mas, dissimulado em aparência. Porém, o ser também se encobre a si mesmo na aparência.

A aparência pertence necessariamente ao ser, como uma *re-velação* no sentido que determina o modo de aparecer, mostrar, surgir. Se a aparência e o ser se pertencem mutuamente. Por isso, a sua troca de um pelo outro na busca do conhecimento é constante.

O ser e o ente se *re-velam* frente ao velar-se concebido como vendar-se e dissimular-se, diferenciando-se um do outro e fixando-se como *physis.* Opera-se aí, a distinção entre o ser e o não-ser, e ao mesmo tempo, entre o não-ser e a aparência. Desta situação do ser *re-velação,* aparência e o não-ser. Pois, os três caminhos se tornam necessários para o homem que manifestando-se atém-se a si mesmo por meio do ser, e a partir dessa atitude se comporta deste ou daquele modo com o ente. Para assumir a sua existência na claridade com o ser, o homem deve em primeiro lugar dar coexistência ao ser, depois aparência, ao abismo e ao não-ser.

Para Heidegger o homem tem que distinguir esses três caminhos, e se decidir de acordo com eles. No início da filosofia, pensar era abrir e desbravar esses caminhos, distinguindo-os. O homem

põe-se em uma encruzilhada e, por conseguinte, na constante *re-solução*. O caminho para o ser é simultaneamente o caminho para a revelação. Isto é, o caminho para o não-ser e o caminho para a aparência. Conhecer os caminhos que levam ao ser, passa necessariamente pelos caminhos do não-ser e o caminho da aparência.

Portanto, é assim que se constituem os equívocos da questão a respeito do ser, quando não consideramos o nada como possibilidade da constituição do conhecimento. Para Heidegger a construção do saber é concebida àquele que experimentou o ímpeto ao lado do caminho para o ser, que estranhou o espanto com a constante necessidade da aparência. Heidegger ressalta que é preciso ousar na conjuntura com o ser, o não-ser e a aparência. Assumir a existência sobre si, levando a *re-solução* entre ser, o não-ser e aparência, a partir desta posição originária frente ao ser.

A reflexão que Heidegger coloca frente ao ser é também as preocupações acerca do não-ser. Isto é, o não-ser. Pois estas preocupações são fundamentais para a construção do pensamento e do conhecimento. Ele nos remonta aos primeiros pensadores, os responsáveis pelo surgimento e o nascimento da filosofia. No entanto, eles já traziam consigo estas preocupações no pensamento, em pensar o ser juntamente com o não-ser e a aparência. Para Heidegger a des-vinculação desses três

caminhos traz ao pensamento e ao conhecimento humano consequências profundas. Porém, o caminho para se chegar ao ser é inevitável, mas também há o não-ser que é o segundo caminho que é inacessível, mas existente, e que faz parte do conhecimento. O terceiro caminho é o da aparência do ser, pois é aí que Heidegger coloca à manifestação da doxa. Estas opiniões que estão presente no dia a dia e na construção do pensamento, que por sua vez, também estão presentes na epistemologia e na filosofia. Pois, este terceiro caminho que Heidegger coloca, o caminho da aparência é acessível, frequentado, mas deve ser evitado. Este caminho deve ser evitado por aqueles que querem construir o conhecimento. O que acontece, é que na construção do pensamento o homem se atém a um desses caminhos sempre de forma separada. Para Heidegger a ciência se fundamenta na aparência, ou seja, no terceiro caminho, da doxa. Ele nos chama atenção, que na busca pelo conhecimento, na estruturação da verdade é imprescindível com os três caminhos. Isto é, o caminho para o ser, o caminho para o não-ser e o caminho da aparência. Pois, são estes três caminhos que nos conduzem a construção do conhecimento.

As reflexões heideggerianas na constituição do conhecimento é a percepção da existência desses três caminhos, e a sua fundamental importância. O fato de nós não conhecermos estes três

caminhos provocamos uma confusão na constituição do pensamento. Para Heidegger há momentos que realizamos a troca destes caminhos. Ora, troca-se o ser pela aparência, troca o ser pelos entes e troca o ser pelo não-ser. Esta confusão compromete substancialmente a constituição do pensamento. Heidegger, ainda deixa bem claro que o ser é aquilo que se revela, mas que também se vela, neste ato de se revelar e se velar está dentro do processo dos três caminhos. Por isso, o homem não deve fixar-se somente na re-velação e na velação do ser, mas fixar-se na *physis*, àquela que opera na busca da distinção entre o ser e o não-ser, o ser e a aparência. Portanto, é na metafísica que Heidegger recupera a essência da filosofia originária.

Heidegger ressalta a importância da aclaração acerca do nada, por isso, ele faz esta indagação: por que há simplesmente o ente e não antes o nada? Dentro de sua concepção, ele coloca os caminhos por onde deveremos trilhar a construção do saber. Se há o ente e não antes o nada? O que está acontecendo? É que o homem está centralizando o seu pensamento em uma única forma de construir o conhecimento, em um só caminho, falta lhe ousadia para conjecturar os três caminhos; do ser e o não-ser e o da aparência. Se nós centralizamos as nossas forças somente no ser – ainda não teremos um conhecimento, e se o fizermos com o não-ser e a aparência, também não teremos o conhecimento.

A pergunta é: se há o primeiro caminho, por que não o segundo e o terceiro caminho? O grande desafio heideggeriano é demonstrar os três caminhos na construção do pensamento.

A preocupação heideggeriana é entender o ser, mas para aprofundar neste empreendimento é necessário compreender a dinâmica do ser, que está vinculada ao nada e a aparência. Perguntar pelo ser, é perguntar, ainda, pelo nada.

O nada na filosofia heideggeriana tem alguns conceitos básicos na compreensão de seu pensamento, mas esta compreensão é fundamental para traçar os caminhos que Heidegger nos indicou. Ele diz que a metafísica é a responsável pela investigação do ser. Pois, antes de discutir a questão sobre o nada, ele recupera à metafísica. Por isso, a sua preocupação em dizer o que é a metafísica. Há diversas concepções dentro da história sobre o que é metafísica, mas Heidegger volta à origem da filosofia para poder recuperar àquela metafísica originária, àquela que nos orientava para esses caminhos. Heidegger faz uma comparação das metafísicas, "existem as metafísicas" que veremos no decorrer do trabalho. Mas, a metafísica que lhe interessava é aquela que tem na sua base a preocupação em des-cobrir e re-velar o ser.

Outro ponto fundamental na metafísica a partir da ótica heideggeriana é aquela que tem como primazia a, por meio da investigação. Pois,

é esta a compreensão de metafísica que Heidegger apresenta para chegamos ao ser. Então vejamos: a metafísica originária é fundamental para podermos chegar ao caminho do ser, que por sua vez, nos remonta também o nada. O ser e o nada não estão des-vinculados da metafísica. O ser é o nada fazem parte do processo do caminhar da metafísica, e se encontram aí, o nada e o ser. Pois, é a metafísica à luz no fim do caminho que nos conduz à clareira.

Outro ponto importante na concepção heideggeriana da metafísica é a investigação sobre o nada, pois o nada, nada mais é que mostrar ao homem os caminhos que o conduzem ao ser. É mostrar ao homem que o caminho do ser, do não-ser e o da aparência estão aí, presentes para a construção do pensamento. É dentro desta concepção que irá se pautar este texto, tendo em vista os conceitos do nada, conceituando o ser, distinguindo-o do ente. Tendo sempre em vista o não esquecimento do ser como fundamentação para a construção do pensamento. Heidegger recupera à metafísica como o principal instrumento de investigação, buscar na *physis* àquela preocupação originária para entendemos o ser e os seus caminhos. O presente texto, ainda aborda uma reflexão sobre a compreensão da filosofia heideggeriana, conceitos básicos para o entendimento do ser e o nada em Heidegger. A filosofia heideggeriana nos aproxima da relação do ser e a suas linguagens-presentes

nas ciências, fruto das experiências humanas com o ser. Com isso, somos convidados a nos distanciar dos entes em particular, mas buscar a questão dos entes em geral.

A investigação é um dos caminhos apontado por Heidegger para a compreensão do ser e do nada, pois ele nos ressalta que é pela investigação que poderemos, ou que conseguiremos construir o pensamento, pois o filosofar significa investigar. Quando perguntamos por que há simplesmente o ente e não antes o nada. Somos convidados a investigar esta questão, tentar ousadamente esgotá-la na investigação. Pois, esta questão está na ordem das coisas extraordinárias, é a metafísica o centro desta questão: "por que há simplesmente o ente antes o nada?"

O nada é o questionamento, é o pensar da filosofia, o que nos impulsiona a perguntar: por que há o esquecimento do ser? O que há com o ser? O que é o ente? O que levou a esta confusão? E esta inversão entre o ente e o ser? Existe uma só forma de construir o pensamento? (É o que perguntamos para a ciência e para a técnica.) Qual é a relação do nada com a linguagem, e com a existência humana historial?

O presente texto tem estas preocupações, e está divido em três partes. A primeira parte coube à preocupação em definir dentro da filosofia heideggeriana o conceito do nada. Atribuir um conceito

ao nada é uma tarefa árdua, visto que o próprio filósofo nos adverte que sobre o nada, nada se pode falar. Não podemos falar diretamente do nada, no entanto, usaremos à linguagem para exprimir as considerações sobre o nada em seu pensamento.

A primeira consideração que ele nos apresenta, é o nada como a possibilidade do não esquecimento do ser, o não-ser, e o não-ente. A segunda é o nada como uma experiência na angústia, a angústia nos coloca nus diante da clareira para o des-velamento do ser, no nada. A terceira consideração é o nada como a possibilidade do não. O não é parte do viver humano. É a experiência da finitude!

Outro conceito do nada que Heidegger coloca é o nada como o não esquecimento do ser, o nada é àquilo que nos conduz à revelação do ser, e ao não esquecimento do ser. Isto é fundamental para a construção do pensamento. Pois, o nada é àquela linha divisória que não deixa dentro do próprio conhecimento o esquecimento do ser. O conhecimento deve partir do ser e não do nada, o nada não é a fundamentação para o conhecimento, mas é aquilo que nos conduz para chegamos ao ser, na construção do pensamento, na construção da verdade.

Por outro lado, Heidegger também nos apresenta os pré-conceitos em relação ao nada, e, é destes pré-conceitos que ele quer que nos libertar. Para Heidegger, o nada é uma questão

metafísica, mas o nada não é um novo objeto da metafísica, não é um novo ente, não é um novo ser. Mas, se re-vela como o "véu do ser," o nada sempre esteve aí presente.

Na segunda parte do texto, tratarei a questão sobre a metafísica, pois ela confunde o ente com o ser. A metafísica concentra o seu pensamento no ente e se esquece do ser do ente, esquece do ser como tal.

Heidegger coloca uma distinção entre o ente e o ser. Ele remonta toda a filosofia originária para podermos entender o que é o ser e o ente. Sabendo que do ser, nada se pode falar. No entanto, isto não impede que ele possa se tornar acessível à experiência humana. Heidegger também apresenta às consequências desta confusão entre o ser e o ente, e, quais são os fatores que contribuirão para tal situação.

Em Heidegger a metafísica é importante para resolver a problemática apresentada: o esquecimento do ser, e o não-ser. Na metafísica, Ele demonstra aos pouco o que de fato ele quer com a metafísica, começando desde "os primeiros gregos" até a metafísica atual. Heidegger faz uma distinção conceitual da metafísica, atribuindo dois conceitos: "a metafísica originária," e "a metafísica tradicional," e, é a metafísica originária que ele quer como centro das reflexões do seu pensamento, na construção do pensar.

Sobre a metafísica tradicional, ele não tem a pretensão de criar uma nova ontologia e ao menos enumerar as suas falhas, mas, ele a apresenta como o fim da filosofia.

Na metafísica originária, ele recupera a sua missão fundamental, que é a investigação. Só pela investigação poderemos resolver o problema do esquecimento do ser no pensamento. A metafísica tem como preocupação o "ir além."

Na terceira parte abordarei a questão do des-velamento e a *alétheia*. É através da clareira que se apresenta e oculta o ser, contrapondo ao conceito de verdade absoluta apresentada pela ciência e as filosofias. Na clareira somos lançados ao ser e ao nada, pois ela é a condição necessária para o des-velamento. Depois demonstrarei que cabe à filosofia realizar os primeiros passos para distinguir filosofias de filosofia, e provocar um diálogo entre elas. Que o lugar da filosofia é se preocupar com o pensamento, com o pensar, e com o nada. Mas, para chegar a estes pontos, Heidegger percorreu um logo caminho para entender o que acontecia com a filosofia. O desdobramento da filosofia em ciências, a construção de métodos e teorias filosóficas, que por sua vez, tornaram-se às filosofias fechadas em si mesmas, se esquivando dos questionamentos, e se afastando cada vez mais do ser, contribuindo para o seu esquecimento.

Primeira Parte

Considerações Heideggerianas sobre o nada

"O homem é a estância (sitência) em si mesmo aberta. Nela o ente in-siste e se põe em obra."[3]

Heidegger pergunta se é possível o nada, se é possível a sua existência.[4] Ele propõe uma reflexão sobre o nada, propõe a questão do ser e do ente (HEIDEGGER, 2000, p. 32). "O ser não é o adendo nem o que é dito em relação ao ente. O ser é a verdade enquanto a clareira do acontecimento apropriativo." (HEIDEGGER, 2000. p. 35). Pois, o nada se des-vela como pertencente ao ser e ao

[3] HEIDEGGER, M. **Introdução à metafísica**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1969a. p. 226.

[4] A palavra existência resulta da aglutinação da preposição ek e do verbo sistere. No plano meramente vocabular, existência diz: 1) é um movimento de dentro para fora, expresso na preposição; 2) a instalação que circunscreve e delimita um estado e um lugar; 3) uma dinâmica de contínua estruturação em que se troca os estados, as passagens e os lugares. (HEIDEGGER, 1989, p. 310).

ente, pois o nada já é algo existente e possível em nossa reflexão, não há dúvida sobre isto. A grande diferença para Heidegger é a abordagem que ele faz sobre a nada, condição fundamental para o des-velamento do ser. E para que estes movimentos sejam possíveis, Heidegger recupera em primeira instância à metafísica. Ele nos coloca às várias concepções do nada nas filosofias e os pré-conceitos existentes.

Um dos pré-conceitos que ele nos mostra, está presente na filosofia cristã; nela o nada está associado a um conceito de "não matéria," informe. Isto é, não se pode admitir que do nada pudesse vir alguma coisa, por isso a máxima cristã: "Deus criou o mundo do nada", o nada na tradição cristã é a impossibilidade da existência de alguma coisa. "*ex nihilo nihil fit*" do nada, nada vem. Só Deus pode tirar algo do nada. Este pré-conceito do nada vem perpassando à história da ciência e do próprio pensamento, já que a escolástica tem fortes influências sobre o mundo ocidental.

Para Heidegger os responsáveis pela degeneração da problemática essencial da filosofia seriam os teólogos escolásticos, que teriam trivializado a ontologia, passando a trabalhar com um conceito de ser vazio, dentro dos quadros de abordagem. "Sobre o nada a metafísica se expressa deste a antiguidade numa enunciação, sem dúvida, multívoca: *ex nihilo nihil fit.*" (HEIDEGGER, 1969b, p. 40).

Outro pré-conceito apresentado por ele foi influenciado pela ciência. Para Heidegger a ciência contribui profundamente para esta concepção, pois a ciência também está imbuída pelo conceito que o nada é a negação da totalidade do ente. Mas por outro lado, a ciência se esquece de que sua existência é graças à metafísica, que tem por base a preocupação de ir além, a investigação.

Heidegger expõe longamente a questão do domínio do espírito científico, nesta época, (moderna) na tentativa de atingir o fundo metafísico da ciência para assim poder entrar e ver a essência desta época, em que ela ocorre. No primeiro momento, ele mostra que a ciência moderna não pode de modo algum, ser comparada com as ciências que a precederam, à medida em que ela repousa sobre uma nova explicação dos entes; esse fato vai condicionar uma maneira totalmente diferente de ver e questionar os fenômenos naturais (fenomenologia).

Qual é então a concepção do ente e da verdade que faz com que a ciência seja essencialmente pesquisa? A condição básica da pesquisa é a objetividade do ente a um objeto, objeto este que pode ser controlado pela investigação científica. A objetivação dos entes manifesta-se pela representação: a atividade de colocar o objeto entre o sujeito em oposição a ele. Apresentação coloca o ente diante do homem calculante para

que esse possa controlá-lo, ter certeza de seu relacionamento com ele, torna-se uma realidade, somente quando a concepção de verdade, passa a ser a certeza das representações. Heidegger ressalta também que a ciência começou a pautar à vida das pessoas, sobre o que certo e o errado, na manipulação dos conhecimentos dos objetos e se esquecendo de que o seu objeto só foi possível graças à metafísica, graças ao nada.

Quando a ciência pergunta o porquê. Tal pergunta só é possível com a revelação do nada. Sabemos que a ciência não admitiu ainda o nada, que a ciência o ignorou, mas este deixá-lo de lado em suas explicações não elimina a sua existência. Para a ciência, ao admiti-lo, acontece uma transformação profunda: antes a ciência tinha a preocupação de recolher, ordenar o conhecimento. Agora, com admissão do nada, e a revelação do ser, ela passa a agir no espaço da natureza e da história, onde sempre se deve renovar.

A consequência é que com o nada a ciência estará sempre na dinâmica de buscar o ainda não pensado, em pensar que sobre o nada e o ser, nada se pode atribuir algo em definitivo. O convite à ciência é encontrar os três caminhos, sabemos que ela se concentra somente no terceiro caminho, o caminho da aparência. "A ciência nada quer saber do nada. Mas não é o menos certo também que, justamente, ali, aonde ela procura expressar

sua própria essência ela recorre ao nada. Aquilo que ela rejeita, ela leva em consideração." (HEIDEGGER, 1969b, p. 25). A quebra deste mito para a ciência provoca uma estranheza. Mas será que sempre despertará admiração? – Pois, conduzirá ao estupor ontológico? – O mais interessante, é que se instaura o porquê e, aí, poderá a ciência perguntar pelas razões e fundamentá-las.

Heidegger também ressalta outras falsas opiniões sobre o nada: "O nada não é o único objeto da metafísica." Entretanto, por que o nada é absolutamente nadificante, leva este pensamento à opinião de que tudo é nada. Um conceito errôneo, que a filosofia do nada é um acabado niilismo. Heidegger novamente reafirma que o nada não é um conceito oposto ao ente, mas pertence originariamente a essência mesmo do ser.

Outra concepção equivocada é em relação ao niilismo, (*nihil*) influenciado pela corrente filosófica do existencialismo, que por sua vez, contribui para esta concepção equívoca. Porém, o que propõe o niilismo é o total esquecimento do ser. Isto é, o seu aniquilamento. No pensamento heideggeriano o nada, nada tem a ver com o nada do niilismo, são conceito e realidades bem diferentes.

Outra falsa concepção que Heidegger nos apresenta é que a preleção não eleva para uma disposição de humor isolada e ainda por cima deprimente, ao privilégio da única disposição de

humor fundamental (angústia). Entretanto, porque a angústia é o estado de ânimo do medroso e do covarde, renega este pensamento a confiante atitude de coragem, uma filosofia da angústia paralisa à vontade à ação. Mas, para Heidegger, a angústia examina o nada a partir da angústia como aquilo que distingue de todo ente. Pois, a angústia atinge sempre o ente, pois permanece junto a ele, porque, o ser não é uma qualidade ôntica do ente e nem de se deixa representar, o não-ente que se deixa desdobrar, por isto, a preleção nos convida a experimentarmos no nada a amplidão daquilo que garante a todo ente à possibilidade de ser. (pois é o próprio ser, diz Heidegger).[5]

Portanto, o ser e o nada nos remetem à angústia, pois, todo ente permanece na indigência

---

[5] Mas o que é de fato este despertar o nada e o ser? Na busca da técnica na modernidade o pensamento caiu realmente no plano secundário, como se isto fosse possível. Heidegger questiona este comportamento através de seus escritos, principalmente em seus textos. Heidegger repensa o conceito de ser juntamente com um conceito novo, dando a este ser o nada. Nesta junção entre o ser e nada, originou a grande problemática para o seus rivais, Heidegger queria mostrar o ocultamento, o esquecimento do ser, aquilo que permanece como alvo oculto do pensamento, aquilo que faz com que sempre continue aquilo que faz que a ciência caminhe naquilo que faz com que o pensamento pense e busque novos caminhos. Eis por que Heidegger se posiciona contrário ao niilismo, pois, o niilismo é um convite ao esquecimento do ser.

do ser, que por sua vez, não é um nada nadificador. Para Heidegger, a angústia nos conduz a experiência do ser com o outro e com a relação com todo o ente. Ao que parece, a angústia não nos remete ao medo de ouvir a voz silenciosa do ser, mas, ao contrário, somos lançados ao espanto, ao estupor ontológico.[6]

A angústia convida o homem em sua essência aprender e experimentar o ser no nada. Somente o homem entre outros entes pode maravilhar-se e escutar a voz silenciosa do ser.

> O Maravilhar-se, admirar-se, *Thaumazein,* e este termo, pelo fato de testemunhar a derrocada que a investigação dos milésios efetua com relação ao mito, estabelece-os no mesmo ponto em que se origina a filosofia. No mito, *Thauma*é o maravilhar; o efeito de assombro que ele provoca e é sinal da presença nele do sobrenatural. [...] O insólito não fascina mais, ele mobiliza a inteligência. De silenciosa veneração, admiração faz-se questionamento, interrogação. (VERNAMT, 1990, p. 379).

[6] Antes de falar, o homem deve novamente escutar, primeiro, o apelo do ser, sob o risco de ser dócil a este apelo, pouco ou raramente algo lhe resta a dizer somente assim será o valor se sua essência e o homem será gratificado com a devolução da habitação para o *desein* na verdade do ser. (HEIDEGGER, 2005).

Para Heidegger a preleção não tem a pretensão de ser uma filosofia da angústia e ao menos uma filosofia heroica. Ela apenas pensa aquilo que apareceu ao pensamento ocidental, desde o começo, e com aquilo que deve ser pensado e permaneceu, entretanto esquecido: *desein*.

Outra concepção contraditória ao nada é aquela que toma uma posição contra a lógica. Entretanto, porque o entendimento contém os padrões de todo o cálculo em ordenar este pensamento, transfere o juízo sobre a verdade para aleatória disposição de humor, uma filosofia do puro sentimento põe em perigo o pensamento exato e a segurança do agir. Sobre a lógica Heidegger nos acentua que ela também é importunada pelo ser, e não ao contrário, não é a lógica que provoca o ser, a lógica surge da experiência da verdade do ser, como a ciência, a lógica também se prendeu no conhecimento exato e manipulado. Ela também sofreu fortes influências históricas. Para Ele nenhum conhecimento matemático é mais rigoroso do que os conhecimentos filológico-históricos.

Heidegger coloca em jogo a exatidão e o rigor, pois o rigor é um caráter intrínseco das ciências do espírito, e não ao adverso, não se pode exigir delas um caráter de exatidão. Para Ele a lógica é apenas uma explicação da essência do pensamento, que é provocada pelo ser, nada mais é que a aparência é o que encontramos no âmbito

do terceiro caminho. Para Heidegger o pensamento primoroso, se prende unicamente ao cálculo do ente e a este serve exclusivamente, o cálculo não admite outra coisa que não seja o numerável. Portanto, ele chama atenção para o pensamento fundamental que não se calcula, mas que são determinados pelo o outro do ente que responde aos apelos do ser, na busca da verdade do ser, para que o homem se entregue e assume, a referência como guarda do ser, o pastor do ser.

De todos os pré-conceitos, ou colocações equivocadas em relação ao nada, o fundamental é entendê-las, buscá-las nas suas raízes perguntando: o que é isto? Para melhor entender e distinguir dentro do pensamento heideggeriano. Pois, a não compreensão destas concepções só poderão impedir uma maior e melhor compreensão sobre o que é o nada. Por isso, esses passos acima foram importantíssimos para aprofundar as questões a seguir.

Outro grande passo sugerido por Heidegger é que possamos dar o devido espaço para o ente na sua totalidade. O ente, na sua filosofia é a maneira como algo se torna presente, manifesto, entendido, percebido, compreendido e finalmente conhecido para o ser humano. "Ente é a figura que se forma a si mesma, que enquanto tal se apresenta como imagem." (HEIDEGGER, 1969b, p. 40). O ente é aquele que assim é chamado em sua essência

para a verdade do ser, está, por isso, continuamente envolvido, de maneira fundamental, na disposição de, é este eco à resposta humana à palavra da voz silenciosa do ser.

Em Heidegger, mesmo que o ente seja e tenha explicações como o espírito no sentido do espiritualismo, como matéria e força do materialismo, como o vir-a-ser e vida, como representação, como vontade e como o eterno retorno do mesmo, sempre o ente enquanto ente aparece à luz do ser, isto é: *aletheia*.

Porém, a discussão metafísica do ente mantém-se, portanto, no mesmo nível que a questão do nada. "Estudar o ente se faz necessário, estudar da mesma forma a negação do ente", é o que ressalta Heidegger. O fato de colocar o nada no mesmo plano que o ente, não é um novo objeto e nem um ente descoberto, o que ele chama atenção, é que o ente, o conceito acabado, portanto, finito, delimitado, não existe. Com isso, em sua ontologia fundamental Heidegger procura superar os impasses a que chegou o pensamento ocidental, ao preocupar-se com o questionamento do ser, perguntando: "O que é o absolutamente ente?" E para tais perguntas, Heidegger parte da vida cotidiana para demonstrar os fenômenos ônticos e seus aspectos ontológicos, partindo da cotidianidade e do óbvio.

Pois, existe duas maneiras fundamentais de o homem relacionar-se com os entes. Definindo-os,

podemos falar dos entes presentes sem nenhum envolvimento significativo, refere-se ao estoque, aquilo que, afastado do vivencial, torna-se objetivado, os objetos de estudo tal como tem que acontecer para o empirismo (Hume) e para as ciências exatas.

Há, porém, outro modo de se relacionar com os entes, é o que Heidegger considera primordial ao anterior, ou seja: o relacionar-se com o ente presente num envolvimento com o ente. "O nada não é um objeto nem um ente. O nada nada não acontece nem para si mesmo, nem ao lado do ente ao qual, por assim dizer, aderiria." (HEIDEGGER, 1969b, p. 35). O que Heidegger quer, é que percebamos o quanto estamos equivocados ao declaramos o nada como um objeto e um ente. A sua preocupação é que o nada é o nadificar do ente, é o nadificar do objeto, por isso, o nada não é em si mesmo, ele não acontece separado do ser. Não é um conceito oposto ao ente, um conceito oposto ao ser, é deste pré-conceito que o nosso autor quer que nos libertemos.

O nada uma discussão metafísica

Para Heidegger o nada é uma discussão metafísica, mas ele nos mostra também na história a concepção grega de metafísica, aquela que na sua origem tinha essa preocupação fundamental, que

era o “ir além”. Na medida em que o ser constitui o questionado e se diz sempre ser de um ente, o que resulta como interrogado na questão do ser é o próprio ente. (HEIDEGGER, 1989, p. 32). Pois, ela está associada à questão fundamental na busca incansável do ser. Portanto, para, recuperar o sentido da metafísica, Heidegger, aprofundar na sua origem, para melhor compreendê-la. É o que ele mesmo afirma: “tudo aquilo que queremos superar se faz necessário perguntar em primeiro lugar, o que é? – só assim poderemos superar [...]”. Para Heidegger a metafísica fala da inadvertida revelação do ser enquanto tal[7].

A sua preocupação é que a metafísica questiona o ente enquanto ente e não se volta para o ser enquanto ser do ente. É um pensamento que busca à verdade do ser contrário a metafísica. Pois assim, ela não alcança a primeira instância do pensamento, é a verdade do ser, pensa assim Heideggerestarque isto está superado na metafísica. Isto é, esquecido. Mas por quê? Pois, se a metafísica estiver preocupada somente com o ente como tal e ela não for capaz de ir além do ente, permanecerá presa a aparência. “[...] a superação do pensamento metafísico para o pensamento histórico-ontológico. A

[7] Todo questionamento é uma procura. Toda procura retira do preocupado sua direção prévia. Questionar é procurar cientificamente o ente naquilo que ele é, e como ele é. (HEIDEGGER, 1989, p. 30).

passagem não é, contudo, a superação, mas apenas a entrada nesta última enquanto história." (HEIDEGGER, 2000. p. 36). Se a metafísica estiver centrada na aparência e esquecer que é o ser que provoca a aparência, de fato ela estará superando o esquecimento do ser. Por isso, Heidegger diz que é preciso pensar o ser enquanto ser. E para pensar o ser se faz necessário os três caminhos.

A metafísica representa a entidade do ente de duas maneiras: a totalidade do ente de modo mais geral e a outra, é a totalidade do ente enquanto tal, no sentido do ente supremo e por isso, dividido. Ela se exclui pela própria essência da experiência do ser; pois, ela representa o ente e não presta atenção no ser do ente – que na medida em que se tornou desvelado – também já se velou (um jogo de luz e sombra). "Pensar o próprio ser", "[...] a metafísica não presta atenção àquilo que precisamente neste *on*, na medida em que se tornou desvelado, também já se velou." (HEIDEGGER, 1969b, p. 78). Este é o grande apelo de Heidegger: pensar o próprio ser, prestar atenção, naquilo que desvela, e se revela a cada momento. Eis a experiência na qual é chamada a metafísica; Pensar o próprio ser, e ir ao encontro também do nada, prestar atenção no desvelamento e na revelação do nada, neste véu do ser como afirma Hegel. Eis o convite, lançado a todos os amantes do pensamento: prestar atenção, adentrar na metafísica e preocupar-se com o ser sem medo, mas, com

coragem e abertura para o nada, e ousadia para conjecturar o ser, o nada e a aparência. Pensar o nada nas bases do pensamento, em toda a relação que ele possa sugerir. Porque o ser é concebido enquanto a presença constante e a ligação fundamental com o ente permanecem sendo a *re-presentação* e o *éter-diante-de-ti*, a pergunta pelo ente precisa mostrar-se como pergunta pela *pro-dução* para que tenha o ente como tal. (HEIDEGGER, 2000, p. 38).

Heidegger chama atenção para duas concepções de metafísica: A tradicional é aquela que não pensa o ser e que não presta atenção no ser. Esta metafísica tomista que trabalha com o conceito de ser abstrato e vazio, e se concentra no ente. A segunda é a metafísica dos primeiros pensadores, que tem na sua origem esta preocupação: de nos conduzir à verdade do ser, em buscar do ser e sua revelação, de ir além.[8] "O ser opõe a

[8] "[...] na Idade Média, a ontologia grega desraigada, tornou-se corpo fixo de doutrinas. Sua sistematização poder ser tudo menos a integração dos fragmentos legados pela tradição num único edifício dentre de uma recepção dogmática das concepções fundamentais do ser dos gregos, a sistematização medieval comporta ainda muito trabalho não realizado e pioneiro, em sua cunhagem escolástica, o essencial da ontologia grega se transpôs, através das *Disputationes Metaphysicae de Suárez* para a metafísica e filosofia transcendental da idade moderna, chegando ainda a determinar os fundamentos e o objetivos da lógica de Hegel [...]." (HEIDEGGER, 1989, p. 50).

si mesmo está em acordo consigo mesmo, o que se afasta de si próprio; em si reúne; harmonia de tensões contrárias como a do arco da lira. "[9] Em Heidegger encontramos esta preocupação. Importante notar, que ele propõe aquela metafísica, que tem na sua base estas preocupações, onde o ser se opõe a si mesmo, mas em si se reúne, isto é, o puro nada e o puro ser, os dois como arco da lira, tensões contrárias.

Mas esta preocupação é o retorno às origens da filosofia. Retornar à filosofia originária em nosso tempo parece algo impossível e anacrônico para o pensamento, e para a ciência moderna. O fato interessante é que Heidegger não cria o nada de novo, mas simplesmente reaviva a memória daqueles que se distanciaram deste pensamento, e faz um grande desafio, de voltarem à velha e senhora filosofia, que com o olhar do pensamento moderno, assim a classifica. Para Heidegger, ela é uma imagem totalmente diferente, ainda é jovem e sedutora.

Heidegger não tem a preocupação de pôr fim à metafísica, mas, de redescobrir seu valor e o seu lugar dentro do pensamento. Por isso, Heidegger questiona no início da *Introdução à Metafísica* (1969a), em que chão estão às raízes da metafísica. Para ele, este "ir para," "ir além" é a marca e a

---

[9] Os Pré-socráticos. **Heráclito**. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Col. Os Pensadores).

preocupação essencial da metafísica. Buscar o desvelamento do ser, o nada e a aparência.

Surge aí para Heidegger na mesma proporção a preocupação para aquilo que está a desvelar, o que ainda não foi pensado e o que ainda está esquecido. Por isso, para Heidegger a questão fundamental da metafísica é a abertura, a revelação do esquecimento do ser. Quem é que se preocupa em desvelar aquilo que permanece velado?

O esquecimento do ser é o que propõe o niilismo. "A essência do niilismo consiste no esquecimento do ser." (HEIDEGGER, 1972c, p. 58). O esquecimento do ser parece antes de qualquer coisa pelo fato de esquecê-lo, significa aqui enquanto velamento do ser. Se entendermos isto, segundo Heidegger experimentaremos a desconcertante necessidade, em vez de querer superar o niilismo deveremos tentar penetrar primeiro na sua essência. Chamo atenção para a primeira interrogação de Heidegger, "O que é o nada?" Mas, por que afinal é necessário uma tal espécie de superação da metafísica? – Se ele somente interrogasse sobre a superação da metafísica sem antes colocar em questão em primeiro lugar o esquecimento do ser, a base da sua interrogação o nada, não teria sentido para nós toda a reflexão na busca da superação deste pensamento. A interrogação pelo nada é um ir além do ser enquanto tal. Para Heidegger a metafísica

deveria ter esta preocupação, deveria ser aquela que em primeiro lugar, buscasse o ir além.

A preocupação heideggeriana é profunda, pelo atributo dado à metafísica: "a raiz." Ser a estrutura da árvore, é este atributo que Heidegger faz à metafísica; "ser a raiz. "Pois ela (a raiz) pauta toda a relação da árvore com seus galhos, ramos, folhas e frutos. Se a raiz estiver doente, equivocada, contaminada, toda a árvore e as folhas e até mesmo os frutos perdem o seu valor e sabor. Se estas raízes estão em terras não muito profundas e não muito firmes e arenosas colocam em risco toda a árvore. Mas que seiva é esta que alimenta a metafísica?

"A discussão metafísica do ente mantém-se, porém ao mesmo nível que a questão do nada." (HEIDEGGER, 1969b, p. 41). Portanto, procuramos perguntar o que é o nada, ou pelo nada.

Os conceitos do nada na filosofia heideggeriana

No desenvolvimento de seu pensamento Heidegger nos conduzirá ao nada em três planos fundamentais. Primeiro: o nada como esquecimento do ser, e a possibilidade de revelação. (HEIDEGGER, 1989, p. 50). Segundo: a angústia como a manifestação do nada. Terceiro: o nada como a possibilidade da negação, a possibilidade do não. Dentre estes três

caminhos que Heidegger nos conduz, o segundo e o terceiro, farei uma pequena colocação para melhor compreendê-los. Portanto o primeiro, que é o nada como esquecimento do ser, a possibilidade da revelação do ser, será tratada logo a seguir, após o segundo e o terceiro.

Veremos agora sobre a angústia como revelação do nada: "A angústia não deixa mais surgir uma tal confusão. Muito antes, perpassa-a uma estranha tranquilidade. Sem dúvida, a angústia diante disto diante de..., mas não angústia diante de... é sempre a angústia por..., mas não por isto ou aquilo." (HEIDEGGER, 1969b, p. 31).

Para tal aproximação, Heidegger chama de fuga de si mesmo, o fato da presença de cair no impessoal e no mundo das ocupações. O caráter da fuga tem apenas o retirar-se, baseado no teor daquilo que é ameaçador, aquilo que se teme e é sempre um ente intramundano.

Ao contrário, desvio da de-cadência se funda na angústia que, por sua vez, torna possível o temor. Para compreender o que se quer dizer com fuga de-cadente de si mesmo, inerente à presença, é preciso lembrar-se da constituição fundamental da presença do ser no mundo. Aquilo com que a angústia se angustia é o ser-no-mundo como tal.

Como se distingue fenomenalmente, com que a angústia se angustia daquilo que o temor

teme? Por isso, a angústia também não vê um aqui e um ali, de onde o ameaçador se aproximasse, porém, não significa um nada meramente negativo. Justamente aí, situa-se a região, abertura do mundo em geral para o ser-ai, essencialmente espacial. Em consequência, o ameaçador dispõe da possibilidade de não aproximar a partir de uma direção determinada, situada na proximidade, e isso porque ele já está sempre presente, embora em nenhum lugar. Para compreender a importância da estrutura unificadora, é preciso entender porque ela é necessária, e, mais ainda, porque a angústia é o sentimento de situação fundamental, que nos desvela o nada. Trata-se de mostrar como o ser-aí humano pode alcançar uma auto-revelação, tão extraordinária e fundamental que ele descobre com toda lucidez, é a própria estrutura da sua existência. O que se abre para ele, neste momento, é a visão claríssima de sua possibilidade mais radical: sua própria realidade como projeção de um horizonte no mundo e, ao mesmo tempo, sua inapelável finitude.[10] A angústia revela sua responsabilidade como única

---

[10] A filosofia de Heidegger é uma filosofia do finito, uma filosofia da imanência. A filosofia do finito de Heidegger como é uma filosofia do finito como todo o existencialismo. Se Heidegger fala de transcendência, para Ele esta tem o significado da transcendência do *Dasein* que funda transcendentalmente no próprio existir, aquilo que eu experimento com o próprio existir.

fonte de significação no mundo e, ao mesmo tempo, seu próprio nada como existência finita.

Em sua análise, Heidegger interpreta, em primeiro lugar, o fenômeno da angústia em sua manifestação e, em segundo lugar, ele procura mostrar como a angústia pode explicar a questão do ser-aí.

A angústia não é uma simples emoção, nem é mais uma entre as várias experiências psicológicas. Ela é uma dessas extraordinárias manifestações do homem, que é própria ao ser-aí, capaz de experimentar a angústia.

Um animal sente medo como o homem, mas não sente angústia. O temor em contraposição à angústia pressupõe alguma definição concreta diante da qual se tem temor: ou, tenho temor da tempestade, pois ela é uma ameaça à minha existência. O temor se manifesta diante de alguma coisa que pode ameaçar o nosso próprio ser-aí.

No sentimento de angústia, ao contrário, não é a ameaça de uma violência, de uma destruição de um perigo qualquer bem determinado que tome conta de mim, mas o sentimento que tudo parece estranho e distante. A minha existência, e o meu lugar no mundo perdem o sentido e a sua importância, e parecem escapar por entre os meus dedos. A solidez das coisas diante de mim se dissolvem à medida que duvido da própria possibilidade de que existe alguma coisa. Se perguntassem

o que nos angustia de alguma maneira, nós não poderíamos indicar uma causa concreta e definida, mais ainda, teríamos a certeza de que nenhum ente intra-mundano seria ou poderia ser a causa. "Na angústia não acontece nenhuma destruição de todo o ente em si mesmo, mas tão pouco realizamos nós uma negação do ente em sua totalidade para, somente então, atingirmos o nada." (HEIDEGGER, 1969b, p. 34).

A insignificância exprime a perda do sentido, e a coisificação do mundo em entidades isoladas. O mundo sem sentido é por isso mesmo, insignificante, ou seja, não revela mais a sua estrutura ontológica, o ser-relacional.

É a angústia que revela a situação, revela o nada do mundo, o nada do mundo ontológico. Assim, a angústia nos coloca diante da mundaneidade do mundo em um estado puro, sem dissimulações ou opacidades. O nada não é o nada total, mas funda se em algo mais original; funda-se sobre o mundo. Ora, o mundo constitui ontologicamente o ser do ser-aí como ser-no-mundo, enquanto antecipação da existência. O que angustia a angústia é o ser-no-mundo, ele mesmo! Ao fazer com que o mundo perca o significado, com que outros se distanciem e nada possam fazer, a angústia retira do ser-aí toda a possibilidade de compreender-se a partir de sua cotidianidade e da opinião pública.

A angústia, enquanto sentimento-de-situação é um modo fundamental de ser-no-mundo: "ela nasce de nossa condição e se revela para nós." E, nesse momento de revelação, que estamos sozinhos e isolados.

A angústia isola e revela o ser-aí, e o coloca face ao mundo como ele o é, ao mesmo tempo, em face a si mesmo como ser-no-mundo. De fato, nos coloca diante de nós mesmo, "nus". A angústia nos revela nossas possibilidades, sermos genuinamente nós mesmos e assumirmos nossa existência autêntica ou então, perdermos mais uma vez, na opinião pública.

A angústia, que obriga o ser-aí, no exercício de sua possibilidade mais pessoal, sua liberdade, radical de ser ou não ele mesmo. A existência do ser-aí se sente tranquila e segura na vida não-crítica dos outros, ela é a fuga diante da realidade de existência finita lançada no mundo. É essa tranquilidade que é perdida na angústia, que obriga o ser-aí centrar-se em seu próprio ser, e, mais no que os outros dizem ou fazem. É por essa razão que Heidegger considera a angústia com instrumento para revelar o modo de ser fundamental do ser-aí. O ser-aí descobrindo-se como ele mesmo e não simplesmente utilizando-se dos vários itens de um mundo de utensílios.

Para Heidegger a angústia é dentre os sentimentos e modos da existência humana, aquela

que pode reconduzir o homem ao encontro de sua totalidade como ser e juntar os pedaços, a que é reduzido pela inversão na monotonia e na indiferença da vida cotidiana. A angústia faria o homem elevar-se da situação cometida contra a si mesmo, ao contrário de todos os demais estados de consciência, a angústia jamais seria provocada por qualquer coisa existente, determinada ou determinável.

Na angústia, todas as coisas do mundo aparecem bruscamente, como desprovidas de qualquer importância, tornarem-se desprezíveis e dissolvem-se em nulidades absolutas. A angústia abre-se para o homem, segundo Heidegger, em alternativas: fugir de novo para o esquecimento de sua dimensão mais profunda, isto é, o ser. Ou ir além, buscar o não esquecimento do ser. Para Heidegger esta é uma dimensão profunda do homem; ser a casa do ser e a morada do ser, a clareira, no meio do bosque, cujos caminhos não levam à parte alguma. O ser pode aparecer e pode ocultar, porém, em caso algum é mera aparência; é presença permanente, o horizonte luminoso, no qual todos os entes encontram sua verdade.

Não é o conjunto dos entes nem um ente especial, é a moradade todos os entes. Ainda, sobre a clareira, Heidegger diz que é a abertura do ser-aí como ser-no-mundo, é o horizonte da manifestação da verdade; ela está sempre presente a

cada momento desvelando o ente e arrancando-o da obscuridade.

A verdade não tem lugar fixo, mas, é um contínuo desvelamento do ser dos entes. Ao mesmo tempo em que se move a verdade, o ser-aí está sempre tomado pela obscuridade, a verdade implica necessariamente, a não verdade, o ocultamento. O ser aí essencialmente finito existe sempre em um contexto de possibilidades concretas. O próprio comportamento pelo qual o ser-aí-mundo aparece sempre como um jogo de claridade e obscuridade, um contínuo jogo de luz e sombra. É a angústia que faz isto, forçando o isolamento do ser-aí dos entes intramundanos e confrontando-os com a escolha, de como ser. Heidegger não nega que a verdadeira angústia é rara e excepcional, o que, entretanto, não a torna reveladora.

Outro conceito do nada é o nada como possibilidade de negação, a possibilidade do não. É importante notar, contudo, que possibilita às inúmeras maneiras de algo ser concretizado, realizado, é também e ao mesmo tempo, a origem da importantíssima possibilidade do não, mas este não, nada tem a ver com o aniquilamento, o vazio do niilismo, como já vimos nas colocações acima, o não heideggeriano é indispensável ao viver humano. O não faz parte do viver humano, a experiência do não é condição *"sine quo non"* à ação humana.

Quando Heidegger nos convida para penetrarmos nesta reflexão, ele abre todo um leque de visões para percebermos no cotidiano humano, a vivência do não. Por exemplo: a prática esportiva é um agir humano. O jogar bola é ontológico que possibilita às várias maneiras de se jogar, podemos jogar com uma bola pequena, grande, em um campo, em uma quadra, ou em outro espaço. Mas, o que nos motiva a prática deste esporte é a possibilidade de não conseguirmos à vitória, de não conseguirmos marcar os gols necessários para à vitória; a presença do não, ou a possibilidade do não. Se nós, por antecedência, estivéssemos certos e garantidos dos resultados positivos, provavelmente não haveria expectativa, para o desafio de jogar.[11] O que percebemos não é só a possibilidade do sim, mas também, a possibilidade do não. O conviver com a possibilidade do não em nossas vidas nos conduz à experiência da finitude humana, onde as experiências não poderão ser vividas por outras pessoas em meu lugar, não podemos pedir para outra pessoa vivenciar o não em meu lugar, a possibilidade do não é parte do viver humano,

---

[11] Fato notório ilustrar aqui em julho de 1996, o confronto entre a seleção olímpica brasileira e a seleção olímpica japonesa, o que aconteceu? A realização da possibilidade do não, mas, foi isto que nos impulsionaram a ligar a televisão e torcer para seleção olímpica brasileira, a expectativa era da não certeza da vitória.

e mais ainda, intransferível do meu viver humano. Por exemplo, um dos nãos que tem um caráter ontológico intransferível é a morte, a morte como experiência do não. Não posso, e não é possível pedir que outro faça esta experiência em meu lugar, "morrer por mim".

Outro conceito que Heidegger nos mostra é o nada como a possibilidade da revelação do ser, o não esquecimento do ser. Heidegger ao longo de seu pensamento nos coloca a definição do nada. O que é de fato o nada dentro do seu pensamento? (Para ele) já supomos antecipadamente o nada como algo existente. O nada não é um conceito oposto ao ente, mas pertence originariamente, a essência mesma do ser e do ente, acontece uma nadificação do nada. O nada não é uma classificação tardia e secundária, mas a possibilidade prévia da revelação do ente em geral, a essência do nada originariamente nadificante consiste em conduzir primeiramente o ser-aí diante do ente enquanto tal.

Para Heidegger, a busca de uma definição não tem um sentido em si mesmo. Ele antecipa à elaboração da questão supondo que o nada é algo existente, que é assim, como o ente, tanto a pergunta, quanto a resposta nos diz respeito ao nada igualmente contraditório em si mesmo. A preleção não transforma o nada em um único objeto da metafísica, entretanto, porque o nada é absolutamente nadificante, leva este pensamento à opinião de

que tudo é nada. Podemos entender esta afirmação a partir da compreensão, de que tudo é nada no seguinte aspecto: Se olharmos na ótica heideggeriana pela qual somos convidados a fazer, o ente nos é dado pela experiência. E que esse ato passa pela fenomenologia, que este ente não é totalmente revelado a nós. Isto é, há um ocultamento. Eis aqui a questão fundamental, levantada e colocada à clareira: Ir além do ente. Se lançar ao desafio do ainda não des-velado, do oculto do mundo das possibilidades, da qual nós ainda não chegamos lá. Segundo Heidegger devemos ter esta preocupação a ser superada.

A preleção nos des-vela o nada como o objeto da metafísica, se interrogamos além da metafísica perceberemos que surgirá o pensamento como superação (é o que Heidegger discuti em Fim da Filosofia e Tarefa do Pensamento), que atravessa a ciência que nos seus fins, sugere buscar à verdade em si mesma, como uma verdade acabada, isto contrapõe ao nada, ao vir-a-ser e contra toda a forma de movimento, pois, toda apreensão do comportamento do ser através do ente desde sua a existência. Mas, as leis estabelecidas são incapazes de manterem as forças sobre a verdade e o ser.

Levantamos a questão sobre a verdade, ou melhor, sobre a essência da verdade, pois, o próprio Heidegger já nos antecipou, onde ele levanta a questão da adequação do ente ao conhecimento,

a concordância e a conformidade. Mas Hiedegger nos conduz em seu pensamento, que a liberdade é a essência da verdade. Pois o próprio ser reside em sua verdade, poderemos entender que o próprio ser reside na liberdade dentro da fenomenologia. Entretanto, por que o nada é absolutamente nadificante? Com esta compreensão somos arremessados de fato ao des-vela-mento, tudo é nada; mais uma vez retornamos a reflexão do ocultamento, ou a única experimentação e amplidão daquilo que garante, o todo, o ente, a possibilidade do ser. Pois, o nada é a negação da totalidade do ente, o absolutamente não ente, o que permanece oculto sobre o ser de certa maneira.

O que Heidegger quer apresentar-nos é o esquecimento do ser, e não o niilismo. Que por sua origem tem como base o esquecimento do ser. Mas a sua preocupação é mostrar aquilo que não pode ser revelado, o que ainda permanece às escuras, o que está esquecido.

Aquilo que nos é apresentado sobre o ser, não é totalmente sobre o ser. Isto é, não é a *aletheia* do ser. *Aletheia* e o desvelamento devem ser recíprocos. "Somente o coração silente da clareira é o lugar do silêncio do qual pode irromper algo assim como a possibilidade do comum-pertencer do ser, isto é, a possibilidade do acordo entre a apreensão." (HEIDEGGER, 1969b, p. 24).

O nada não é um conceito oposto ao ente, mas, pertencente originariamente, a essência mesma (do ser) no ser do ente. E no ente acontece a nadificação do nada. O nada não é uma classificação tardia e secundária como já vimos, mas a possibilidade prévia da revelação do ente em geral, a essência do nada originariamente nadificante consiste em conduzir primeiramente o ser-aí diante do ente, enquanto tal. (Que este ente não é totalmente revelado a nós.) É que o nada vem despertar e anunciar, o não esquecimento do ser. Porém, há um ocultamento em relação ao ente. Há uma preocupação em relação a este ocultamento? Eis aqui a questão fundamental e colocada à clareira. Ir além do ente, é lançar o desafio do ainda não des-velado, do oculto do mundo dessas possibilidades, da qual nós ainda não chegamos como ciência, com a técnica, e até a própria metafísica. Somente neste caminho se pode abordar o problema do nada. Mas a pergunta pelo ser do ser morre, se ela não abandonar a linguagem da metafísica, [a linguagem da ciência e da técnica] porque esta representação metafísica [cientificas e técnicas] impede que se pense a pergunta pelo ser do ser. (HEIDEGGER, 1969c).

Mas, o que para Heidegger é, e deve ser a primeira preocupação metafísica? "o nada." A preleção nos des-vela, o nada como o único objeto da metafísica, o não esquecimento do ser. Se

interrogarmos além da metafísica, perceberemos que surge o pensamento como em si mesmo, como uma verdade acabada. Isto contrapõe ao nada, ao vir-a-ser e contra a toda forma de movimento, pois, toda apreensão do comportamento do ser através do ente desde sua existência.

Mas as leis estabelecidas são incapazes de manter as forças sobre as verdades sobre o ser. Levantamos a questão sobre a verdade, ou melhor, sobre a "essência da Verdade" que o próprio Heidegger já nos antecipou, onde ele levanta a questão da adequação do ente ao conhecimento à concordância, à conformidade. Mas Heidegger irá nos conduzir em seu pensamento que a liberdade é a essência da verdade. Pois, o próprio ser reside em sua verdade e podemos entender, que o próprio ser reside na liberdade dentro da fenomenologia.

Entretanto, porque o nada é absolutamente nadificante? Pois, este pensamento nos leva à opinião de que tudo é nada: como esta compreensão somos arremessados de fato ao des-velamento, tudo é nada e mais uma vez retornamos a reflexão do ocultamento, ou seja, a única experimentação a amplidão daquilo que garante a todo ente.

O nadificante é contrário ao inacabado niilismo, o nadificar heideggeriano é todo o ocultamento (de) é o não esquecimento do ser, é a lembrança do ser, a presença, ou ser-no-mundo. O nada, enquanto o outro do ente é o véu do ser. No ser

já todo destrono do ente chegou originariamente à plenitude. (HEIDEGGER, 1972). *O fim da filosofia e a questão do pensamento,* Heidegger retrata bem esta realidade e o que veremos na terceira parte, do ponto de vista que a metafísica, como metafísica tenha que re-pensar sua missão, e este re-pensar sua missão é ir profundamente no ocultamento do ser.

Heidegger intitula à metafísica, àquela por excelência que tem esta preocupação, em des-velar o ser, tornar aquilo que permanece na escuridão, para a luz, que ele mesmo chama de clareira. O nada não é nem um objeto, nem um ente. O nada não acontece nem para si mesmo, nem ao lado do ente ao qual, por assim dizer, aderiria ao nada é a possibilidade da revelação do ente enquanto tal para o ser-aí-humano. O nada não é um conceito oposto ao ente, mas pertence originariamente à essência mesma do ser. No ser do ente acontece o nadificador do nada. Eis uns dos conceitos mais claro apresentados por Heidegger, o nada não é um objeto, nem um ente, mas o nada é a possibilidade da revelação e de ocultamento e a possibilidade do não esquecimento do ser enquanto tal. O nada não é nem objeto e nem um ente descoberto, mas sempre esteve aí presente, mas passou despercebido. O nada é a possibilidade da revelação do ente como tal. Pois, chegou até nós à concepção de que a revelação é plena e finita, através das técnicas

e das ciências. Mas, ele (o nada) vem ao nosso encontro para re-afirmar o adverso, que a revelação ou melhor, a sua *epifania* não é plena e nem finita. Primeiramente, não somos onipresentes e nem oniscientes. "Tu, porém, deves aprender tudo tanto o coração inconcesso do des-velamento em sua esfericidade perfeita como a opinião dos mortais a que falta a confiança no desvelado." (HIEDEGGER, 1972, p. 33). Todo pensamento e toda ciência foram construídos nesta concepção de uma revelação plena e finita dos entes. O que não é verdade, para Heidegger, pois estaríamos ofuscando a liberdade dos entes.

Segunda Parte

O que há com o ser?

"Filosofar é investigar o extra-ordinário."[12]

A questão fundamental Heideggeriana pode ser exprimida na seguinte citação: "Porque há simplesmente o ente e não antes o nada?" (HEIDEGGER, 1969a, p. 35). Mas antes de aprofundarmos esta questão faz se necessário interrogar sobre outra questão, que por sua vez, é anterior a primeira e, é a causa da primeira. "O que há de errado com o ser?" (HEIDEGGER, 1969a, p. 60). Com essa interrogação ele quer encontrar e compreender o fundamento do ser. No entanto, existe à necessidade de criar um nexo entre a questão fundamental e a questão prévia, pois é daí que partirá o centro das respostas.

Na questão prévia, Heidegger tem a preocupação em definir dois pontos básicos. O primeiro é o conceito de ser e o conceito de ente. Depois, a diferença entre os dois (ente e o ser). E por último

[12] HEIDEGGER, M. **Introdução à metafisica**. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1969a, p. 43.

procura explicar a confusão existente entre ser e ente. O segundo ponto básico é a consequência provocada pelos conceitos acima, e o problema da linguagem e a sua decadência.

Em que consiste o ser? Heidegger com esta interrogação não se preocupa em constituir uma nova ontologia,[13] e nem mesmo enumerar os erros da ontologia tradicional. A sua preocupação é a constituição existencial-histórica-humana. Mas a quem que esse ser se manifesta? Quem que apreende o ser? Segundo Heidegger: "A todos e a ninguém".

Ele nos alerta que não podemos apreender de modo imediato o ser do ente. O ser não se apreende de modo imediato. O ser não se re-vela da mesma maneira para todos. Mas onde encontrar o ser do ente? Naquilo que ele é? Na sua utilidade? Na sua possibilidade? Tudo o que colocamos em discussão é, mas o que queremos apreender é o ser. Pois, é o ser que queremos apreender. Por sua vez, resistimos ao ser. Ainda assim o ser continua impossível de se localizar.

---

[13] O título "ontologia" cunhou-se somente no século XVII. Designa a elaboração da doutrina tradicional do ente numa disciplina da filosofia e num membro do sistema filosófico. A doutrina tradicional, porém, é a análise e sistematização acadêmica do que, para Platão e Aristóteles e depois de Kant, constituía uma questão, embora já não mais originária. Nesse sentido, ainda hoje, se emprega a palavra. (HEIDEGGER, 1969a, p. 67).

O ente nos é dado na experiência. (HEIDEGGER, 1969a, p. 56). A preocupação heideggeriana é procurar em que o ente está fundado, qual é a essência do ente, procurando com isso a superação do nada. O que acontece é que buscamos o ente em oposição ao nada, com isso, o ente já não é objetivamente dado, mas começa a oscilar, já não há tantas certezas, pois, nestas oscilações e incertezas sobre o ente e o ser, se busca encontrar em que se sustenta o ente e o ser. Para resolver este problema, Heidegger apresenta um caminho: a investigação. A investigação através da metafísica.

Mas, o ser e o ente são as mesmas coisas? O ente como conceito, podemos entendê-lo em dois sentidos. O ente significa em primeiro lugar aquilo que nos é dado em cada caso. (HEIDEGGER, 1969a, p. 59). Em segundo, o ente significa o que faz com que o primeiro seja um ente e não um não ente. Mas, a grande diferença é que o ser deverá pertencer ao ente, já que o ente é, pois ele nos é dado pela experiência. E não ao contrário.

A busca que realizamos para compreender o ser e o ente, só acontece na linguagem ou semanticamente, e mesmo assim é uma distinção problemática. Pois, permanece obscuro o que ainda deve ser entendido por ser.

Mas o que há com o ser? E como ele se distingue do ente? Em que consiste o ser daquilo que é? Quando é que ele se manifesta? Quem é que

apreende o ser? A grande problemática encontrada por Heidegger, é que se temos o ente como o ser. O que temos como referência é o ente e não o ser. Estamos com o ente no centro do pensamento. Heidegger coloca que no início do desabrochar da filosofia entre os gregos, chamava-se ente de "*physis*," que por sua vez, se traduz por natureza. Mas na tradição latina se traduziu por "natureza", "nascer" e "nascimento". Esta tradução distorceu o conteúdo originário da concepção grega de *physis*. Destruindo a força evocativa da palavra grega *physis*. Segundo Heidegger estas traduções influenciaram não só a filosofia cristã, mas também a filosofia moderna.

A consequência deste pensamento, é que com isto ao buscarmos o ser encontramos somente as suas modalidades e não o ser como tal. Na *Introdução à Metafísica* vem ao nosso encontro para nos livrar dessa confusão, desta situação confusa em relação ao ser e ao ente. Esta situação se resolverá com a investigação, para não caímos no esquecimento do ser. E esquecê-lo, é ter o ente como referência como centro do pensamento.

A Introdução à Metafísica nos faz um convite para investigarmos o que há de errado com o ser, e investigarmos o que há com o ser e redescobrir de novo o seu modo originário. O que importa neste processo é estar aberto para o verdadeiro e pronto para suportá-lo.

A questão do ser continua sendo por nós investigado, porque ele de fato ainda permanece muito obscuro. Por mais que este assunto seja discutido há muito tempo, ele ainda é importante, já que há muitos pontos a serem esclarecidos.

Esta questão, como já foi dito, não parece tão simples assim. O ser para nós permanece como um som sem significado. A palavra ser já não representa aquilo que queremos encontrar, o ser já não indica nada a nós. Aquilo que queremos pegar se dissolve e se perde como areia entre os dedos. Mesmo assim, a investigação nos conduzirá ao ser.

Outro problema apresentado por Heidegger é a linguagem. O ser para nós é uma simples palavra sem significado, um vapor flutuante, não é algo objetivo, e que não pode ser naturalmente entendido, no sentido de uma qualidade. Heidegger coloca que nós construímos a nossa história em relação com o ser. O fato de tornar obscuro e esquecido o ser, coloca em xeque a nossa história-existencial e toda atribuição feita a ele. Toda construção em relação ao ser é provisória, aparente e fenomenológica[14] para o homem. No entanto, o ser ainda permanece impensado.

---

[14] É importante frisar aqui que a fenomenologia heideggeriana, tem um peso diferente, pois ele entende por fenomenologia a epifania do ser para o homem, que é um jogo de luz e sombra, que mesmo o homem conhecendo, é o ser que se deixa ser conhecido pelo o homem.

É através da linguagem, que expressamos os sentidos e o significado do ser. Mas há entre a linguagem e a existência humana um distanciamento muito grande. Este abismo criado ao longo da história, não é erro da linguagem, mas sim a perda de referência do ser com a linguagem. Para Heidegger há uma condição essencial, a questão do ser que se entrelaça intimamente com a questão da linguagem.

Outro aspecto colocado por Heidegger é a decadência do ser.[15] E o que tem contribuído para essa decadência? Um dos fatores que ele mostra é a busca desenfreada do ente em oposição ao ser. Essa decadência também é resultado da confusão que se faz entre o ser e o ente, do espírito em inteligência e do conhecimento (saber) em técnica.[16]

---

[15] A decadência do Ser. Heidegger coloca como decadência do ser, é a linguagem o processo histórico que se tem em relação à investigação do ser a confusão entre o ser e o ente, o processo pautado pela ciência em relação ao pensamento.

[16] Heidegger coloca a obscuridade do espírito na idade moderna, pela busca desenfreada pela técnica sem se preocupar com o pensamento sem se preocupar com a essencialização do ser. Que por sua vez o próprio homem que deveria ser a preocupação nas ciências, fica também no esquecimento. Heidegger nos mostra a decadência das ciências políticas como o aparecimento das formas políticas, a decadência nas obras e até a decadência do lado espirituoso do homem com a fuga dos deuses, que é consequência do fruto da corrente do niilismo.

A técnica[17] produz junto com a ciência uma forma de conhecimento. Esse conhecimento produzido pela ciência se sustenta dentro da legitimidade da lógica da exatidão científica, com a única forma e maneira de conhecimento e pensamento verdadeiro. O grande problema é que dentro desta ótica não há outras formas de manifestação de conhecimento.

Heidegger pergunta sobre o destino do ser. Para ele é pelo espírito humano que passa o destino do ser. É o espírito humano que reúne forças para investigar o ser. É no espírito humano que reside à vontade do querer-saber, mas esta vontade

---

[17] Mas o que diz o termo técnica, diz saber especializado, aprendizado, processo secreto de êxito. Já esse conceito não é usado na agricultura, pois o conceito de *techne* esconde um saber, ao contrário a terra não usa artifícios, mas com simplicidade mostra se e sem mentir aquilo de que é capaz e a que também não é capaz ao contrário da *techne* dos artesões, cuja o poder é soberano nos estritos limites e que se exerce. A atividade só se concebe no quadro da cidade. É em função do fato urbano da divisão do trabalho que se definiu em uma dúplice direção, uma noção positiva da *techne*, a atividade especializada. A *techne* é um saber que usa quando lhe convém, pois a *techne* define-se por seus limites. Em Homero o termo *techne* é um saber que aplica-se à habilidade dos *demiourgó*i, os metalúrgicos e carpinteiros e as atividades femininas que querem experiências e destreza. Mas também uma saber prático que se adquiri com o aprendizado, porém para os sofistas a *techne* se afigura e torna forma liberta-se, afirma-se nas suas linhas essenciais. (VERNANT, 1990, p. 285).

do querer-saber não é uma simples vontade, um querer-saber qualquer. Mas é uma vontade e um querer-saber que mora na alma humana.

Para Heidegger a decadência é fruto do obscurecimento, do aniquilamento do ser. O obscurecimento é a despotencialização do espírito, sua dissolução, desvirtuamento e deturpação. Uma das causas fundamentais que favorecem este obscurecimento é a ausência da investigação originária dos fundamentos, a ausência pela busca constante do ser e o seu destino. Para Heidegger a falta destes fundamentos, conduz a existência humana ao aniquilamento, ao vazio.

Heidegger aponta três fatores fundamentais que contribuem para a decadência. O primeiro é a transformação do espírito em inteligência. O segundo é a desfiguração instrumental do espírito. O terceiro é o espírito como inteligência a serviço de um fim. Peça de ornamentação e aparelhagem.

Heidegger define espírito assim: "não é nem sutileza vazia, nem jogo sem compromisso da engenhosidade nem tão pouco exercício desmedido de análises intelectuais nem mesmo a razão universal." (HEIDEGGER, 1969a, p. 75). O espírito é ex-posição *sapiente* originariamente disposta à essencialização do ser. O espírito e a potencialização das potências do ente, como tal na totalidade onde domina o espírito. Onde o ente se torna ente como tal, sempre cada vez mais ente.

Por isso investigar é buscar o ente como tal na sua totalidade. A investigação da questão do ser constitui uma das condições fundamentais e essenciais para despertar o espírito, e com ele o mundo originário da existência humana. Para refrear o perigo do obscurecimento do mundo.

Por que à metafísica é importante para investigar o que há com o ser

Para Heidegger perguntar pelo nada é uma questão originária, e principalmente metafísica. Que por sua vez, constitui o centro da filosofia. Para se tratar do ser em sentido indeterminado a opção é escolher à metafísica. Mas na escolha da metafísica permanece ambígua a preleção. Ela investiga o ente, e, investiga o ser, mas quando investiga o ente deixa de lado o ser. Ele coloca que há uma confusão entre o ser e o ente. A grande problemática apresentada por Heidegger é a transformação da questão do ser como tal na questão do ente como tal. Isto acontece pela obscuridade que atravessa à metafísica[18] e a

[18] "[...] a questão sobre o sentido do ser não pode ser hoje posta senão a própria luz em que se ilumina a história da Metafísica. Por que o esquecimento tanto a diferença ontológica como que o esquecimento, só se poderá investigar a verdade e o sentido do ser superando a tradição. Essa superação

filosofia, que por sua vez, contribui para o obscurecimento da investigação.

Para Heidegger na *Introdução à Metafísica* é a investigação, é a abertura para o ser, e a abertura do ser. A abertura do ser significa, re-velação do que o esquecimento do ser vela e esconde. "Somente por meio dessa investigação se ilumina a essencialização da Metafísica." (HEIDEGGER, 1969a, p. 48).

A Introdução à Metafísica significa, portanto: "Condição para investigar a questão fundamental." A metafísica se preocupa em constituir a própria investigação e conduzir a investigação. A metafísica significa proceder em atitude de investigação, trata-se de uma condução que por essência não admite conduzidos. A Introdução à metafísica significa introdução à investigação. Mas, Heidegger deixa bem claro que investigar o ser não é encontrá-lo por aí como se vê uma casa, um carro e uns sapatos. Mas é um caminhar para alguma coisa em algum lugar. Portanto, a metafísica é e está aberta para constituir a própria investigação, que por sua vez, não aceita conduzidos.

---

enquanto, procurando superar a metafísica pro-speta penar a verdade do ser epocal do esquecimento. É regressiva, enquanto volta sobre o ponto de partida para elucidar a dimensão originária e a proveniência do esquecimento do ser, é a única maneira de se fazer a experiência da metafísica por ser a essencialização esquecida." (LEÃO, 1999, p. 17).

Por outro lado, a *physis* significa o ser do ente, quando se trata de investigar o ser do ente. A *physis* no sentido antigo é ir além do ente. A *physis* determina assim desde o princípio a essencialização e a história do ser.

Os Gregos experimentaram a *Physis* na experiência fundamental do ser, pela poesia, pelo pensamento. O des-velamento abriram os olhos à natureza. *Physis* significa, portanto, o céu, a terra, a pedra e as plantas e as obras dos homens e dos deuses. *Physis* significa o vigor reinante que brota e perdura, rígido e impregnado por ela... "*Physis* é o surgir, o ex-trair a si mesmo do escondido e assim conservar-se." (HEIDEGGER, 1969a, p. 45).

Em Grego "ir além", se exprime pela preposição "*meta*", que é a investigação. A investigação filosófica do ente se expressa pela palavra "*META FÍSICA*". Investigar algo que está além do ente. Por isso, Heidegger afirma que investigar é ir além, e é a tarefa primordial da metafísica, investigar o ser do ente. É ela que tem como condição *sine quo non* à investigação.

Sabemos pouco sobre o processo de investigação, nós nos perdemos dentro desse processo. O fato de investigamos o ente não significa mudá-lo, modificá-lo. O ente permanece como tal, a investigação é apenas um processo espiritual, que por sua vez, não poderá afetar o ente como tal. O ente nos provoca o questionamento que suscita a

investigação. Mas a grande diferença que Heidegger coloca é que nós ainda não experimentamos esta experiência da manifestação do ente. E para isso, se faz necessário buscá-lo na investigação. "A investigação abre espaço para o ente, onde ele pode revelar-se nessa sua investigabilidade." (HEIDEGGER, 1969a, p. 58).

Para Heidegger a investigação consiste em um querer-saber, que por sua vez não para aí. Pois, quem deseja, deseja querer-saber, também investiga, mas não vai além do pronunciar a questão. A investigação consiste em empenhar toda a sua existência em uma vontade, em estar aberto para a investigação. Esse querer não é um querer qualquer, uma vontade também qualquer. Para Ele é o processo que perpassa toda existência humana, é um querer e uma vontade que parte do espírito humano.

Outro ponto colocado por Heidegger é o poder aprender, que supõe como condição necessária o investigar. A investigação nos abre para a manifestação do ente. Isto é, buscar as bases do fundamento. Os fundamentos do ente é alvo da investigação, que por sua vez é condição da metafísica. A grande preocupação heideggeriana é que a metafísica está centrada em investigar a aparência e as modalidades do ser. Pois, é a investigação através da metafísica que irá conduzir-nos para sairmos da mera aparência e as modalidades do

ser, para de fato centramos na manifestação do ser como tal, e não do ente. Essa confusão que acontece entre o ser e o ente traz consequências sérias para o pensamento. Se olharmos para a luz de uma lâmpada qualquer, e ficarmos concentrados na luz que ela reflete e ilumina o quarto escuro e afasta a escuridão, perceberemos que esta luz, a qual vemos refletir e iluminar a escuridão é somente uma aparência, uma modalidade da energia elétrica se manifestando em luz e claridade. Heidegger acentua que a nossa preocupação central deverá se concentrar enquanto pensamento na energia e não na luz e na claridade da lâmpada que afasta a escuridão do quarto. Pois, a luz é somente uma modalidade, uma aparência do ser, ainda não é o ser, e não podemos atribuir nada ao ser da luz.

O esquecimento do ser

Heidegger nos garante que do nada, nada se pode falar como falamos dos entes. O nada permanece inacessível para a ciência. Quem quiser falar do nada deixará de ser científico. O que Heidegger coloca é que a ciência não é a única forma de pensar, de construir a existência humana historial. Para ele há uma inversão entre a filosofia e a ciência, ou o desdobramento da filosofia em ciências. O pensamento deveria emanar da filosofia, e não da

ciência. Pois, é ela que está mostrando os caminhos da construção existencial histórica da humanidade.

Outro ponto, é que a filosofia não se compara à ciência e nem se originou da ciência e não está para a ciência. Heidegger coloca que a filosofia[19] situa-se em um plano da existência espiritual inteiramente diverso. A ciência está no campo da inteligência, e a filosofia no campo do espírito humano.

Por isso, o nada será um tormento para a ciência. "A filosofia busca os sentidos mais profundos, que residem no espírito humano, ao contrário da ciência." O nada nunca se vulgariza sempre se dissolve quando cai na sutileza da lógica. Mas por outro lado, não podemos falar diretamente do nada sem intermediários.

Heidegger acrescenta que o esquecimento do ser contribui e constitui o impulso para a

---

[19] A filosofia heideggeriana tem como ponto primordial o próprio homem, e tudo que é produzido por ele. A grande contribuição e a forte diferença entre o existencialismo e o humanismo, no qual Heidegger é contra desde o princípio aos dois, Ele acentua uma filosofia existencial. Para Heidegger o homem edifica a história, ele interage com o ente, ele é a morada do ser, é o pastor do ser, ele muda o mundo para ser feliz e feliz com o outro. Ao contrário o niilismo faz um convite totalmente adverso, o homem é o destruidor do ser, não é a morada do ser, como poderia ser a morada do ser que é um vapor? Do nada, o vazio do aniquilamento. O homem no niilismo não interage na história, não muda o mundo para habitar, não é com o outro; é sozinho.

investigação do ser. “Os equívocos em relação ao ente e ao ser não são causais, mas sim, por causa da incompreensão reinante, e ela provém do esquecimento do ser, que mais e mais se consolida.” (HEIDEGGER, 1969a, p. 53).

Heidegger tem a preocupação de desenvolver a questão fundamental da metafísica a partir do que é o ser. Para ele há alguma coisa errada com o ser. Não é o ser que se apresenta de uma forma corrompida, mas é o processo da construção do nosso pensamento. Pois ao deixar-se conduzir pelo ser. O erro está no processo humano, porém o ser como ser sempre esteve aí, se des-velando e velando-se para o homem.

Heidegger nos conduz em pensamento as interrogações que ele coloca na questão fundamental e originária. Mas, esta questão originária parte da metafísica. Ele faz remontar o conceito de metafísica, mostrando que a metafísica atual na sua época não corresponde aos seus fundamentos, que é o ir além. Heidegger demostrou que a metafísica tradicional ao longo da história distanciou da questão fundamental, que é centrar-se sobre o ser.

O desvelamento

> "Tu, porém, deves aprender tudo: tanto o coração inconcusso do desvelamento em sua esfericidade como a opinião dos mortais a que fala e confiança no desvelamento." [20]

Heidegger coloca, que a partir do poema de Parmênides, (HEIDEGGER, 1972). *Alétheia* é chamada de perfeita esférica. Esta comparação é devido à circularidade do círculo. Mas esta figura é usada em função de sua perfeição geométrica. O círculo tem este caráter, por não possuir nem começo e nem fim, ou diversamente, por estarem bem próximos e não abrindo espaço para a imperfeição. Para os "primeiros gregos", a verdade, o desvelamento tem o sentido de círculo no sentido da perfeição.

A perfeição na *alétheia* é como a possibilidade do desvelamento. Só tem sentido se ela garantir

[20] HEIDEGGER, M. **O fim da filosofia ou a questão do pensamento**. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1972.

o caminho para o pensamento, onde se abre para o ser-aí, presentar-se e se ausentar. Heidegger coloca que isto só é possível na clareira. "No entanto, a *alétheia* e o desvelamento devem ser pensados como clareira que assegura ser e pensar e seu presentar-se recíproco." (HEIDEGGER, 1972, p. 34). Há possibilidade do acordo entre presença e apreensão? Porém, sem a presença prévia da *alétheia* como clareira, o pensamento permanece infundado, isto é, sem fundamento.

Heidegger entende por fundamento, aquilo que de onde o ente como tal é, no seu tornar-se, pensar e permanecer. É aquilo que é, e como é, enquanto cognoscível. E por *alétheia* ele a traduz por desvelamento, em função daquilo que deve ser pensado. O desvelamento é como que o elemento único, no qual tanto o ser como o pensar e o seu comum-pertencer, podem dar-se.

Heidegger coloca também que a *alétheia* é nomeada no começo da filosofia originária, e que por sua vez era realizada pelos "primeiros pensadores" desde os pré-socráticos. A tarefa (do pensamento) da filosofia (da metafísica) era pensar o ente como tal, onto-logicamente. Este pensamento insiste no esquecimento da *alétheia,* uma das causas do fim da filosofia como metafísica atribuído por ele.

A tradução da palavra *Alétheia* por verdade no sentido natural trai seu próprio fundamento. O sentido na tradução metafísica reforçada pela

ciência é a conformidade do objeto com o enunciado e a adequação do objeto a razão. "A *Alétheia*, o desvelamento no sentido da clareira da presença, foi imediatamente apenas experimentado como *orthótes*, como retitude da representação e da enunciação." (HEIDEGGER, 1972, p. 36). Não é esse o conceito para *alétheia*, e nem para o des-velamento. Segundo Heidegger somos lançados a associar uma concordância entre o representar e o que se presenta. Esse conceito de verdade não poderá ser identificado à *alétheia* e o des-velamemto. Pois, a verdade é assim como o ser e pensar, somente pode ser o que é, no elemento da clareira.

Ainda permanece a questão. "É a *alétheia* o mesmo que a verdade?" (HEIDEGGER, 1972, p. 35). Heidegger não responde, mas diz: "é uma tarefa do pensamento." Por sua vez, é um pensar filosoficamente, questionando o que se presenta.

A *alétheia,* o desvelamento não é uma questão da verdade, mas sim uma questão do pensamento. Se fosse uma questão da verdade ela estaria submetida aos ditames da ciência, da lógica e de seu império. Que por sua vez, a partir de Hegel, a verdade assume o sentido do saber absoluto.

Outra tarefa do pensamento é mostrar profundamente que a verdade reside na liberdade.

A grande consequência da verdade científica é que ela se apresentar como a certeza do saber absoluto, e ao mesmo tempo contribui para

o obscurecimento do ser, através da ausência do questionamento do ser.

Heidegger conclui que a *alétheia* permanece no presentar-se e ocultar-se na clareira, onde ela se protege e se conserva, pois é este o único âmbito que garante o desvelamento.

A clareira é a abertura à possibilidade de um parecer, presentar e ocultar-se. É um jogo de luz e de sombra, pois torna algo livre e aberto. Não é o presentar-se e o ocultar-se, não é a luz que cria a clareira, mas é a clareira que possui e dar às condições para que se tornem presente ou ausente. "A clareira é o aberto para tudo que se presenta e ausenta." (HEIDEGGER, 1972, p. 31).

A questão que se impõe ao pensamento é a clareira. E nela que o fenômeno tem algo a nos dizer. A tarefa do pensamento é buscar no questionamento e o aprender dela, deixando que nos diga algo.

A clareira é o espaço onde tudo se presenta e ausenta, possui o lugar que recolhe e protege. Sobre a clareira a filosofia nada sabe, pois, a filosofia fala a luz da razão, mas não atenta para a clareira do ser. Que por sua vez, não é um método da filosofia. Heidegger se refere aquilo que é experimentado no que se presenta, que seja compreendido e exposto. A clareira é a condição necessária para que isto possa acontecer. Só é possível o presentar e ausentar na clareira.

A aparência é um modo de presentar, mas não é nenhuma aparência de luz, porque não há aparência e luz sem clareira. No entanto, na filosofia permanece impensada a clareira como tal, onde impera o ser, “a clareira é a presença que se vela, é a proteção que se vela.” (HEIDEGGER, 1972, p. 37).

O desvelamento e a clareira são condições necessárias para colocar a questão levantada por Heidegger: *o fim da filosofia*. É nesta ótica, neste fundo que ele nos convida a discutir e meditar. Convida também a discutir sobre o fundo, e o pensar mediante, que por sua vez passa pela clareira. É com base a este fundamento que ele nos pergunta: O que há de errada com a filosofia? O que resta para o pensamento?

Qual é o lugar da filosofia?

Antes de nos introduzir ao seu pensamento, em relação ao fim da filosofia, Heidegger esclarece o que podemos entender por “fim”. Para ele o fim representa o acabamento, e a plenitude no sentido de que a filosofia deveria ter atingido com o seu fim, a sua suprema perfeição.

Outro conceito que Heidegger coloca para o fim – é o lugar, de um lugar para o outro. É aquilo em que se reúne o todo de sua história, em sua

possibilidade. O fim como acabamento, quer dizer, este agrupamento. Por isso, ao perguntamos pelo fim da filosofia perguntamos qual é o seu lugar.

Ele também coloca que o desdobramento da filosofia em ciências autônomas, vem acentuando o seu acabamento, o seu estágio terminal. Este estágio se caracteriza pela formulação científica das leis, das verdades absolutas, dos métodos, das lógicas científicas. Em tecnicidade, e todos os fenômenos explicáveis e mensuráveis e previstos. Entretanto, entendido a filosofia como seu desdobramento em ciências, é a plena realização de todas as possibilidades. Heidegger coloca também, que o fim da filosofia, é o fim como metafísica e por último, o fim da filosofia como o esquecimento do ser.

A filosofia[21] para Heidegger pensa o ente em sua totalidade, o mundo, o homem e Deus. Sob o ponto de vista da recíproca imbricação do ente e ser, pois, esta é a grande diferença. A sua preocupação é de buscar uma filosofia que pense

---

[21] Em o que é Isto – Filosofia? Heidegger coloca que a filosofia é a procura do ente enquanto tal e do ser enquanto ser, e que a filosofia faz parte das dimensões do homem, para isto Heidegger aponta alguns pensamentos: Primeiro nos deveremos provocar um diálogo com a tradição grega para compreendemos o apelo do ser. Para ele a filosofia é a correspondência que se harmoniza e põe em acordo com a voz do ser do ente. (HEIDEGGER, 1972).

a totalidade da realidade, e quando esse processo não se realiza, a filosofia cai na sua particularidade, na sua subjetividade absoluta.

A metafísica pensa o ente enquanto tal, ao modo da representação fundadora, mas como fundamento. Heidegger entende por fundamento aquilo de onde o ente, como tal, tornar-se, pensar e permanece. É aquilo que é enquanto cognoscível; pois o ser como fundamento leva o ente a seu presentar adequado. O fundamento é a condição que o ente seja de modo particular.

A tarefa do pensamento ainda permanece inacessível à filosofia, à metafísica e às ciências delas oriundas. Heidegger coloca a questão de com podemos sair do curso normal do pensamento, e do agir da ciência? Como deixar de lado a ação do império da interpelação criadora da ciência? Ele sugere um passo para trás, pois esse passo é voltar ao começo da filosofia originária, é um passo para fora da órbita. Mas isto não significa que seja um passo contra o progresso e a favor do regresso da atividade produtora. É a abertura para o pensar e o questionar.

Mas, é o passo do pensar meditativo do questionamento, do estupor ontológico do *thaumazein*, do admirar-se. Porém, é de fundamental importância esse passo para o homem, e para o pensamento. Heidegger coloca que a ciência, a técnica como também o pensamento fazem parte do

homem. O problema é que a busca desenfreadamente somente a ciência, e em troca disto, esquecemos o ser. Houve uma inversão, uma confusão, do ente e do ser, o homem tornou-se escravo da ciência e da técnica, e in-sensível ao pensamento, e ao questionamento.

A filosofia tornou-se uma ciência empírica do homem, de tudo aquilo que se pode tornar objeto ex-perimentável de sua técnica e método. Heidegger coloca que a própria filosofia tentou em etapas percorrer os caminhos do pensar (como história, sociologia, psicologia e etc...) que por sua vez, era tarefa da filosofia. Passa agora, para a ciência, é assumida e estabelecida pela própria ciência, estruturando seus objetivos, conceitos e teorias.[22]

A concepção da teoria agora estabelecida pela ciência é aquela que nega todo o sentido ontológico, "e passa a imperar o elemento racional e os modelos próprios do pensamento que apenas representa e calcula." (HEIDEGGER, 1972, p. 24). A formação da teoria da ciência é diferente

[22] "Em primeiro lugar, está desligada de toda religião. Os fiscos da Jônia, Tales, Anaximandro, Anaxímenes – propõe-se a apresentar em seus escritos cosmológicos uma teoria, isto é uma visão, uma concepção geral que torne o mundo explicável, sem nenhuma preocupação de ordem religiosa sem a menor referência às divindades ou às praticas ritmais. Pelo contrário eles têm a consciência de se oporem em muitos pontos às crenças religiosas tradicionais." (VERNANT, 1990, p. 195).

da teoria colocada no início da filosofia originária, a concepção filosófica de teoria é uma visão do divino sobre o mundo, (realidade), é uma visão, uma teoria que busca uma visão da realidade independente de credos, ideologias e dos momentos passageiros. Uma teoria que é objeto de debate, despojada do secreto, do misterioso. Uma teoria que presta contas do que afirma aberta às críticas e às controvérsias, livre, a livre discussão. Uma teoria que busca o debate dos contrários busca o confronto das argumentações contrárias impõem-se, como uma regra do pensamento. Uma verdade aberta acessível a todos.

Adverso, a teoria para a ciência é cheia de dogmas, leis, lógicas, fechada às controvérsias, ao debate, fechada, enfim, para o jogo intelectual, uma verdade in-questionável e absoluta a todos.

Outro ponto colocado pelo nosso filósofo em relação a tarefa do pensamento[23] é relativo ao método da ciência. Pois a grande dificuldade das ciências é trabalhar com aquilo que não precisa

---

[23] Heidegger coloca que talvez exista um terceiro pensamento entre o racional e o irracional, que não esteja aí sustentado na técnica e na ciência. Quando perguntamos pela tarefa do pensamento, seria perguntar se o pensamento, em que não está apoiada nas ciências, nas técnicas e nem apoiado no pensamento até agora. Para isso é preciso ter disciplina, prestar atenção àquela que é necessário, procurar na clareira este pensar necessário.

de provas, aquilo que não precisa de provas para tornar-se acessível ao pensamento. Isso foge aos moldes da lógica científica, dos métodos da ciência e de suas teorias. Será que o pensamento permanece como pensamento na base da filosofia como a sua principal preocupação? Será o fim da filosofia uma sucessão de seu modo de pensar?

Heidegger coloca que o fim é como o acabamento, a concentração nas possibilidades supremas. Ele coloca que na época da filosofia originária já manifestava os traços decisivos da filosofia, o desenvolvimento das ciências em meio ao horizonte aberto pela filosofia, e ao mesmo tempo a independência da filosofia e o desenvolvimento das ciências. Este fenômeno faz parte do acabamento das filosofias, e está hoje em plena marcha nas esferas dos entes que é seu acabamento. A filosofia tornou-se ciência empírica dos homens.

O que aconteceu com a filosofia (?)

Perguntar o que aconteceu com a filosofia, é indagar sobre a tarefa do pensamento. Aquilo que interessa à filosofia, e ao pensamento. Aquilo que ainda permanece obscuro e confuso, que ainda não se presentou, o in-pensado na filosofia.

Para o nosso pensador há alguns equívocos, alternando as questões do pensamento por

sistemas lógicos e da ciência, que por sua vez, vem responder às necessidades das filosofias e não da filosofia. Heidegger coloca que as filosofias são importantes como contribuição de uma visão de uma época. Mas, a sua preocupação é com a filosofia, e não com as filosofias.

Ele coloca que essas filosofias caem no sentido defensivo voltando para "si" rejeitando à filosofia, são estas as quais ele se refere como fim da filosofia, como o relatório sobre o resultado do pensamento filosófico. No entanto, as filosofias não constituem o verdadeiro, o todo da filosofia. Isto é, a subjetividade[24] ela exige um método adequada da filosofia compreendida como a questão mesma. Heidegger coloca uma diferença entre a subjetividade transcendental e a subjetividade ab-

[24] Heidegger coloca em questão a subjetividade como o princípio de todos os princípios, e tem como base a subjetividade. Mas ele faz uma distinção entre a subjetividade da filosofia originária e a ciência. A subjetividade da filosofia originária é uma subjetividade transcendental, pois é ela que dá e garante o fundo da objetividade de se mostrar como único ente absoluto. O caráter de ser desse ente absoluto, isto é o caráter da filosofia como a sua questão própria. Heidegger coloca que a ciência se fosse uma ciência universal deveria buscar sem princípio na subjetividade transcendental que já é pressuposta como a questão da filosofia. Mas isto, não acontece na ciência, pelo contrario, isso foi esquecido, ora o que se esperou cumprir como tarefa do pensamento e fim da filosofia.

soluta. A primeira é a que faz parte da filosofia, mesmo passando pela subjetividade, ela é fundada no des-velamento, na *alétheia* e na clareira que não tem nenhuma associação com a verdade absoluta. Uma verdade que é contrária ao des-velamento, uma subjetividade do ser como tal, aberta ao pensamento, e ao questionamento. A segunda passa pela necessidade da ciência, uma subjetividade objetiva e absoluta, onde há uma coerência com a verdade no sentido de exatidão científica. Uma verdade onde há uma adequação à razão do ente, uma subjetividade fechada ao pensamento. A metafísica que por sua vez, se estabelece como ciência rigorosa. Com isso, ela cai na elaboração de métodos, e estabelece uma relação defensiva.[25]

A consequência deste processo é que se põe contra a existência historial humana.[26] Ela

---

[25] Esta posição é peculiar a Husserl, Hegel e Descartes.

[26] Distante do existencialismo, um movimento literário francês das última década, tem pelo menos um século de história. E começou com Shelling e mais tarde com Kierkagaard, desenvolveu-se com Nietzsche, Bergson. Na Alemanha do pós-guerra com Scheler, Heidegger e Jaspers. O termo existenz indica em primeiro lugar nada mais do que o ser do homem, independentemente de todas as qualidades e capacidade que possam ser psicologicamente investigadas, com a ressalva de que não é por acaso que o termo ser tenha sido substituído por existenz. Nesta mudança a etimológica está oculta um dos problemas fundamentais da filosofia moderna. Visto que a unidade entre o ser e pensamento; é

se perde em debates sobre os pontos de vista das filosofias e das divisões dos tipos de visão de mundo filosóficos.

A grande preocupação heideggeriana não é buscar as visões de mundo para o pensamento (não se limitar a esse ponto). A filosofia como filosofia, pensa o ser, mas estabelece com o ente e somente com o ente o essencial do pensamento, e estabelece a partir desse pensamento leis rigorosas e lógicas. Estabelece métodos e verdades, isto é, a filosofia em ciências. É esta filosofia que Heidegger apresenta como fim da filosofia.

A tarefa do pensamento é levantar o questionamento, o que a filosofia originária sempre fez. Heidegger coloca que o questionamento poderá atingir o caminho que se dirige à filosofia, a ausência do questionamento a conduz ao seu fim como filosofia. A Tarefa do pensamento é a investigação, é o questionamento. Pois, esse é processo da tarefa do pensamento que por sua vez, passa pela clareira e a presença. No entanto, a tarefa do pensamento é se entregar ao pensamento, é pensar o ainda não pensado.

---

indiferente que eles busquem essa harmonia através da dominação da matéria (materialismo) ou spinozista ou do espírito (idealismo). (ARENDT, Hannah. O que é a filosofia da Existenz? In: **A dignidade da política**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002).

Heidegger coloca que para a tarefa do pensamento, o que lhe cabe não será nem metafísica, nem a ciência. Que por sua vez, aquilo que se tornou inacessível às filosofias, permanece ainda como sua tarefa. A tradução desses fundamentos para os demais pensamentos ficou aquém das grandezas dos filósofos.

Mas o pensamento proposto na origem da filosofia é recusado pela era industrial, pelas técnicas e pelas ciências. O pensamento com isso passa de fundador para o caráter preparatório. A consequência é certa, conduz à caminhos incertos. O técnico-científico-industrial passa a ser a única medida da lógica e da verdade, e também como a única medida da habitação do homem no mundo. O mundo tornou-se uma casa inóspita para o viver humano, para quem não souber a linguagem técnico-cientifico-industrial. A hospitalidade do mundo para o viver humano é um apelo determinante a todo o momento do interior do destino do homem, ainda não resolvido, esquecido, e o destino do homem e o do ser-do homem comoa morada do ser, o pastor do ser e não o senhor do ser.

O processo técnico-científico-industrial cria à necessidade de sempre o novo ser substituído pelo mais novo e assim sucessivamente. Para Heidegger o fim da filosofia é perguntar pela tarefa do pensamento, o que interessa ao pensamento,

aquilo que é o *mister* da filosofia. Sobre esta questão, ele nos convida a provocar um diálogo com a filosofia originária, para aos poucos penetrarmos na questão fundamental. Através desse processo, vamos percebendo o quanto modificaram as concepções da filosofia e estas concepções segundo Heidegger passaram pela tradução, pela subjetividade realizada pela tradição da filosofia cristã. No entanto, chegou até nós uma visão totalmente deturpada e contrária da filosofia originária.

Livrando-se de todos esses pré-conceitos em relação à filosofia, Heidegger nos diz que a essência da filosofia tem como base, como fundo, pensar o ser, enquanto ser. Ele coloca também que a filosofia não teve a pretensão de algum dia vir a ser tornar ciência. Outro ponto colocado pelo nosso autor é a distinção clara entre a filosofia e as filosofias. As filosofias têm seus méritos como visão de uma época, mas que se distanciaram da filosofia originária.

Mas como isto aconteceu? Heidegger coloca que isto aconteceu à medida que a filosofia buscou um método, uma explicação, uma teoria para o ser e se voltou para "si mesma" protegendo-se dos questionamentos, prevendo e mensurando os fenômenos. Isto é, quando o pensar e o questionar foram substituídos pela técnica, pela verdade lógica e científica, pela exatidão. A filosofia tornou-se uma ciência empírica do homem, e ao contrário,

já não é o homem o pastor do ser, mas escravo da ciência e da técnica, abolindo toda a forma de questionamento em consequência de não prestar atenção no ser.

Com base nisto, Heidegger coloca: "Será o fim da filosofia?" Para ele, o fim da filosofia se apresenta de diversas formas: O fim da filosofia como o desdobramento das filosofias em ciências. O fim da filosofia como acabamento, isto é, a total perfeição. O fim da filosofia como metafísica. O fim da filosofia como o lugar e o fim da filosofia como questão do pensamento.

Com estes "fins" para a filosofia, ele vai demonstrando o porquê, como isto acontece e quais são as causas no processo histórico. E por fim, porque a filosofia, como filosofia originária, permanece, no nada e in-pensada.

A preocupação do nosso autor não é estabelecer mais uma visão de mundo, mas, é preocupar-se somente com a filosofia, pensar o ser do ente como tal e a partir daí, estabelecer uma relação existencial historial com o homem, como morada do ser. Heidegger abre um espaço para a discussão entre *alétheia* e a verdade. Neste pensar meditativo sobre a *alétheia* na filosofia é o que garante o ser, é o espaço para o des-velamento, o presentar-se e o ocultar-se. É aí que reside a tarefa do pensamento, se entregar ao pensar, estar aberto para a aparência e manifestação do ser.

Qual é a relação com o nada? O nada aqui assume outro nome como definição, mas representa o mesmo, o nada aqui é o im-pensado para a filosofia, é o não-ser, é a possibilidade de através da clareira provocar o que ainda permanece oculto e velado e in-pensado. Para a ciência, o nada é como uma pedra no sapato, o nada se apresenta rejeitado, mas é o questionamento, o próprio pensar. O nada é para a ciência um questionamento que exige outras formas de pensar, de construir à verdade, é a interrogação para a ciência, que abala sua fé, suas leis e seus dogmas.

Heidegger nos apresenta como necessidade de pensar o ser como tal, estar aberto ao questionamento, aberto ao nada. Ele não se posiciona contra o progresso, longe disso, a sua preocupação é a falta de questionamento, a ausência do pensar, na busca desenfreada do ente e só do ente. Coloca-se o ente como o ente deixando de lado o ser. A sua preocupação é que se chegue um dia, em que não vamos mais questionar as ciências e as técnicas, e esse processo já está se tornando cada vez mais acentuado, em consequência disso o homem vem aos poucos se submetendo aos ditames da ciência, aos ditames do seu poder.

Conclusão

"Pensar é a limitação a um pensamento que em
algum tempo como uma estrela no céu
do mundo permanece fixo."[27]

As considerações heideggerianas sobre o nada, no qual foi à razão deste texto. Podemos ressaltar algumas conclusões. Heidegger deixa bem claro que o nada não é um novo conceito, um novo objeto. O nada não se opõe ao ente e nem ao ser. Ele é parte integrante do ser e do ente. Ele se manifesta tanto no ser e no ente. O nada em Heidegger ganha uma nova reflexão. Não é que ele seja um novo objeto, um novo ente descoberto, longe disso, o nada sempre esteve aí presente.

Em primeiro lugar, Heidegger nos convida a nos libertar dos pré-conceitos em relação ao nada. Pois o nada na filosofia cristã foi associado a não matéria, a negação de toda possibilidade de alguma coisa, por isso, a máxima cristã: "do nada, nada vem." O

[27] HEIDEGGER, M. **Da experiência do pensar**. Porto Alegre: Globo, 1969d. p. 31.

nada também é influenciado pelo conceito de vazio, através da escolástica. E pela ciência é apresentado como algo ilógico. O nada para na ciência é o seu questionamento. Isto significa dizer que a ciência estará aberta para a renovação, para outras formas de construir o pensamento, se admitir o nada.

O nada, nada tem a ver com o *niilismo*, que é o total aniquilamento e o esquecimento do ser. Esses são os pré-conceitos que Heidegger quer nos libertar. O conceito do nada na filosofia heideggeriana tem vários sentidos. O primeiro é o nada como o esquecimento, a não possibilidade da revelação, do des-velamento, como o não-ser. O segundo é o nada como a possibilidade do não. O não é parte intrínseca do viver humano, a experiência da finitude. O terceiro é o nada como presentação da angústia. A angústia nos des-vela o nada, ela nos coloca nus diante da clareira. O quarto é o nada como presença do questionamento. Isto é, se faz necessário questionar o saber técnico e as ciências, isto é, ser e pensar.

Heidegger faz estas distinções conceituais, para melhor compreender o seu pensamento em relação ao nada. Mas, ainda nos alerta também, que do nada, nada se pode falar. O nada nunca se vulgariza sempre se dissolve quando cai na sutileza da lógica. Mas, por outro lado, não podemos falar diretamente do nada sem intermediários.

Desta forma para o nosso autor, o nada é uma questão metafísica. Para ele a metafísica teria

essa preocupação de ir além, de buscar o ser. Porém, este processo da metafísica da busca do nada não acontece. Pois, há uma confusão, e uma inversão. A metafísica busca o ente como tal e se esquece do ser e não presta atenção no ser, e por causa disto Heidegger apresenta esta metafísica como o fim da filosofia, que se perdeu ao longo da história, esquecendo-se de sua investigação. Pois para ele a preleção nos apresenta o nada como des-velamento do ser.

Para resolver o problema do esquecimento do ser, a sugestão apresentada por Heidegger é a investigação. Investigar significa buscar o ente como tal na sua totalidade. A investigação constitui uma das condições essenciais para o despertar do espírito e com ele o mundo originário.

O nada na filosofia heideggeriana é um convite ao ser, um convite para o não esquecimento do ser, um restabelecer e recolocá-lo no centro do pensamento, pensar o ser, porém, ser e pensar. O nada na ciência é a presença do questionamento; de que no conhecimento-técnico-científico-industrial, há outras formas e maneiras de construir o pensamento que não podemos des-vincular da linguagem do ser e da história existencial humana; que o homem é pastor do ser e morada do ser; que a ciência não poderá pautar o destino do ser e do homem.

Ao perguntar pelo nada é uma tentativa de recuperar os caminhos que nos conduzem ao ser: o

caminho da aparência, o caminho do não-ser e o caminho do ser. São esses os caminhos que Heidegger quer que fiquem claros para nós, ao perguntarmos pelo nada, nada mais é, senão perguntarmos pelo ser. Toda a sua preocupação em estruturar os caminhos que conduzem ao ser, passa necessariamente pelo nada e pela aparência, mas em nenhum momento se centraliza no nada e na aparência. O nada não é a fundamentação do conhecimento, a aparência não é a fundamentação do conhecimento, pois a fundamentação do conhecimento consiste nos caminhos. Esta é a sua grande preocupação, que voltemos a nossa atenção para o ser, porém, para podermos construir o conhecimento e o pensamento humano passa pela experiência do ser com o homem, e passa necessariamente também por estes caminhos, no qual são percorridos pelo homem, através da metafísica e da filosofia.

Há neste processo de construção de pensamento alguns entraves que impedem o caminhar, é aonde às vezes acontece à distorção da filosofia e da metafísica que se centralizam somente em um desses caminhos. Heidegger quer nos lembrar que para construir o pensamento se faz necessário conjugar os três caminhos, e isto só será possível com a filosofia e a metafísica. O nada é a mais profunda lembrança que Heidegger nos quer apresentar: "ser e pensar." (HEIDEGGER, 1969a, p. 225).

Para Heidegger o ser tornou-se para o homem normativo, impedindo-o de chegar à investigação filosófica, perpassando também de certa forma todo o saber, pois esta postura impediu a re-velação do ser. Por isso, a pergunta Heideggeriana: o que há com o ser? De início o ser se mostra com uma palavra vazia e flutuante. Por isso, a necessidade da investigação. Ao chamar atenção para a investigação, ele nos mostra à necessidade de recuperar dois pontos fundamentais: a metafísica e a filosofia. A metafísica distinguindo-a da tradicional, voltando lá na *physis* grega e recuperando também a filosofia originária. Estes dois caminhos são fundamentais para a abertura para o ser.

Por outro lado, o centro da discussão heideggeriana passa pelo ser, pois é o ser o centro das questões e não o nada, o nada, nada mais é do que uma condição para se chegar ao ser, não o fundamento do conhecimento. Heidegger coloca que o ser não se mostra a todos, a toda hora, o ser não aparece ser um dado tão objetivo, mas é o acontecimento fundamental, em cujo único fundamento pode surgir e acontecer à existência histórica no meio do ente aberto a revelação em sua totalidade.

Mas, é isto que Heidegger quer que investiguemos o que há com o ser? Para investigar esta questão, – deveremos associar a ela o contraste da aparência como significado determinado do vir-a-ser, e o permanente, o sempre igual a si mesmo

– e o nada. A questão do ser não é simplesmente definir o significado de uma palavra, e nem constitui o poder que a constitui, o que ainda hoje carrega e domina todas as nossas referências com o ente em sua totalidade com o nada, é a aparência.

A questão do ser se passa na mesma questão com a existência histórica do ser do homem. Não é possível pensar o ser sem pensar o ser do homem, pois para Heidegger é no homem a realização do ser; o homem é guarda e pastor do ser. Ele coloca que essa busca do ser, só apresentam incompreensões, e só agem destrutivamente, é o caso do *niilismo*, "[...] essa falsificação, que desde o aparecimento do Existencialismo, se vem novamente instaurando, só é nova para quem não tem nenhuma noção da questão do ser." (HEIDEGGER, 1969a, p. 224). Por isso, Heidegger é crítico ao *niilismo*, que trata o ser como uma questão do nada, contribuindo com isto para o seu esquecimento.

O desafio de seu empreendedorismo se apresenta da seguinte forma: ao invés de esquecermos o ser, o nada é uma questão para o não esquecimento. O nada é parte da questão, é um caminho para responder à questão, pois, a investigação passa por estes caminhos, com o ser se declina, também o nada, a aparência, o pensar, a linguagem e indiscutivelmente o homem.

Heidegger questiona o vir-a-ser, a aparência, o pensar e o dever-ser, no sentido que seriam eles

um nada? Não, pois estariam se opondo ao ser, mas então o que seriam? Desde sempre estes são os caminhos que conduzem ao ser. Estes caminhos nos conduzem a experiência do ser. Mas por outro lado, estes caminhos também podem nos confundir na experiência com o ser, para que isto de fato não aconteça – como vem acontecendo segundo Heidegger, é pela investigação originária que nos conduzirá a distinção entre o ser e o ente. Mas como isto acontecerá na história humana? Ele coloca que este caminho está na vinculação de ser e pensar, pois, é o ser e o pensar que constitui o fundamento que suporta toda determinação do ser, guiado pelo *lógos* no sentido de enunciado, o pensar proporciona e mantém a perspectiva em que se considera o ser. "Por isso para abrir e se fundar o ser mesmo na sua originária distinção do ente, faz-se necessária à abertura de uma perspectiva originária." (HEIDEGGER, 1969a, p. 224).

Por fim, toda a questão da essencialização do ser se faz necessariamente também em relação ao homem. Não significa aqui criar uma antropologia, mas mostrar que o homem é determinado exclusivamente pela questão do ser. "O homem é a estância em si mesmo aberta. Nela o ente in-siste e se põe em obra." (HEIDEGGER, 1969a, p. 226). Pois é nesta perpetrava que se deve fundar a abertura do ser.

Referências

ARENDT, Hannah. O que é a filosofia da existenz? In: **A dignidade da política**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

CARNEIRO, Emmanuel Leão. Itinerário do pensamento de Heidegger. In: **Introdução à metafísica**. Tradução Emmanuel Carneiro Leão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1999.

______. **Aprendendo a pensar II**. Petrópolis: Vozes, 2000.

CASANOVA, M. A. **Compreender Heidegger**. Petrópolis: Vozes, 2009.

BOUTOT, A. **Introdução à filosofia de Heidegger**. Lisboa: Publicações Europa-América, 1991.

DELEUZE, Gilles. **Nietzsche et la Philosophie**, Paris: Presses Universitaires de France, 1967.

DERISI, Octavio Nicolas. **Concepto de la filosofia cristiana**. Buenos Aires: Curso de Cultura Católica, 1943.

WAELHENS, A. De. **La Philosofia de M. Heidegger**. 2. ed. Mexico: Universidade Autónoma de Puebla, 1986.

HEIDEGGER, Martin. **Che cosa e la metafisica**. 2. ed. Milano: Fratelli, 1946.

_____. **Introdução à metafísica**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1968a.

_____. **O que é metafísica**? Tradução Ernildo Stein. São Paulo: Duas Cidades, 1969b.

_____. **Da experiência do pensar**. Tradução de Maria do Carmo T. de Miranda. Porto Alegre: Globo, 1969d.

_____. **Sobre o problema do ser, o caminho do campo**. Tradução de Ernildo Stien. São Paulo: Duas Cidades, 1969c.

_____. **O que é isto – filosofia**? Tradução Ernildo Stein. São Paulo: Duas Cidades, 1972.

_____. **Carta sobre o humanismo**. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Coleção os Pensadores).

_____. **Os conceitos fundamentais da metafísica. mundo, finitude, solidão**. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Coleção os Pensadores).

_____. **O fim da filosofia ou a questão do pensamento**. Tradução, Introdução e Notas de Ernildo Stein. São Paulo: Duas Cidades, 1972.

HEIDEGGER, Martin. **Todos.... ninguém: um enfoque fenomenológico do social**. São Paulo: Moraes, 1981.

_____. **Kant y el problema de la metafisica**. Trad. Gredibscher Roth. Mexico: Fundo de Cultura Económica, 1986.

_____. **Nietzsche: metafisica e niilismo**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

_____. ***Ser e tempo*.** Petrópolis: Vozes, 2005.

_____. **Introdução à filosofia**. Trad. Marco Antonio Casanova. São Paulo: Martins Fontes, 2009a.

_____. **Sobre a questão do pensamento**. Trad. Ernildo Stein. Petrópolis: Vozes, 2009 b.

_____. **A caminho da linguagem**. 5. ed. Trad. Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2011.

_____. **Ser e tempo**. Tradução Fausto Castilho. Vozes: Petrópolis, 2014. (Coleção Multilíngues de Filosofia – Unicamp).

MACDOWEL, João Augusto A. Amazonas. **A gênese da ontologia fundamental de Martin Heidegger: ensaio de caracterização do modo de pensar de Sein und Zeit.** São Paulo: Loyola, 1993.

NIETZCHE, F. **Sobre o niilismo e o eterno retorno**. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

STEINER, George. **As ideias de Martin Heidegger**. São Paulo: Cultrix, 1982. (Col. Mestres da Modernidade).

PÖGGELER. O. **A via do pensamento de Martin Heidegger**. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.

SCHUBACK, Márcia Sá Cavalcante. **Ensaios de filosofia: homenagem Emmanuel Carneiro Leão**. Petrópolis: Vozes, 1999.

VERMANT, Jean-Pierre. **Mito e pensamento entre os Gregos**. São Paulo: Paz e Terra, 1990.